

20, 21 e 22 de setembro de 2017
departamento de línguas e culturas
universidade de aveiro

congresso
internacional

Em busca da terra prometida: mitos de salvação

livro de resumos

FICHA TÉCNICA

TÍTULO

Congresso Internacional “Em busca da terra prometida: mitos de salvação” – Livro de Resumos

EDITORES

António Manuel Ferreira, Carlos Morais, Maria Fernanda Brasete, Rosa Lúcia Coimbra

CAPA

Baseada no cartaz de Sofia Almeida (SCIRP, UA)

EDIÇÃO

UA Editora

Universidade de Aveiro

Serviços de Biblioteca, Informação Documental e Museologia

1.^a edição – 2017

ISBN

978-972-789-516-8

Apresentação	5
Comissões	6
Programa	9
1.º dia	11
2.º dia	13
3.º dia	16
Resumos	19
Comunicações	21
Mesa-redonda	59
Apoios	63

painéis temáticos

- Exegeses religiosas
- Literatura e migrações
- Utopias e distopias
- Retórica da sedução
- Mitos e estereótipos

Página do evento: <http://blogs.ua.pt/terraprometida>

Contacto: ua-terraprometida@ua.pt

comissões

comissão organizadora

António Manuel Ferreira (DLC/CLLC, Universidade de Aveiro)

Carlos Morais (DLC/CLLC, Universidade de Aveiro)

Maria Fernanda Brasete (DLC/CLLC, Universidade de Aveiro)

Rosa Lúcia Coimbra (DLC/CLLC, Universidade de Aveiro)

comissão científica

Alex Villas Boas (PUC Paraná, Brasil)

Ana Maria Ramalheira (Universidade de Aveiro)

Carlos Alberto de Carvalho Duarte Gamas (Universidade de Coimbra)

Delfim Leão (Universidade de Coimbra)

Elisabeth Battista (UNEMAT, Brasil)

Erik Van Achter (KULeuven/CLP- Coimbra)

Giuliana Raguza (Universidade de São Paulo, Brasil)

Hans Ausloos (Université Catholique de Louvain, Bélgica)

João Manuel Torrão (Universidade de Aveiro)

João Roberto Faria (Universidade de São Paulo, Brasil)

Luke Connolly (KULeuven, Bélgica)

Marcos Lopes (Universidade de Campinas, Brasil)

Maria Cecília Colombani (Univ. de Moron/Univ. Nacional de Mar del Plata, Argentina)

Maria do Céu Fialho (Universidade de Coimbra)

Maria Hermínia Laurel (Universidade de Aveiro)

María Teresa Santa María Fernández (Universidad Internacional de La Rioja, Espanha)

Olga Castrillon-Mendes (UNEMAT, Brasil)

e todos os membros da Comissão Organizadora.

The image features a solid blue background. Three stylized, light blue clouds are positioned at different angles: one in the upper right, one in the lower left, and one in the lower right. Each cloud casts a long, dark, diagonal shadow that extends towards the bottom right of the frame.

programa

1.º dia | 20 de setembro | quarta-feira

08h15 – Receção dos participantes e entrega de documentação

09h00 – Sessão de abertura (*Auditório Aldónio Gomes*)

09h20 – Conferência inaugural (*Auditório Aldónio Gomes*)

Moderador: Erik Van Achter

HANS AUSLOOS (Université Catholique de Louvain) – *To your offspring I will give this land” (Genesis 12,7). The theme of the Promised Land in the Biblical tradition*

09h50 – Sessão plenária (*Auditório Aldónio Gomes*)

Moderador: António Manuel Ferreira

MARIA HERMÍNIA AMADO LAUREL (Universidade de Aveiro) – *Entre viagem e permanência: percursos salvíficos na obra de duas escritoras suíças contemporâneas, Monique Saint-Hélier e Annemarie Schwarzenbach*

ERIK VAN ACHTER (KULeuven, Bélgica / CLP Coimbra, Portugal) – *A Terra Prometida, da Utopia para a Dystopia, e vice-versa. Through a Portagee Gate, de Charles Reis Félix*

10h50 – Intervalo

11h20 – 12h50 – Sessões simultâneas A

MESA 1 (*Auditório Aldónio Gomes*)

Moderadora: Ana Maria Ramaheira

DAVID VILLAR VEGAS (Universidad Complutense de Madrid) – *Between the myth and history: Israelite Exodus from Egypt to Canaan*

PEDRO BASALO BEMBIBRE (Universidad de Salamanca) – *Tierras de promisión y tierras de condenación: itinerarios veterotestamentarios de Tiempo de silencio*

FERNANDO BERMEJO-RUBIO (UNED, Madrid) – *Is the Kingdom of God/Heaven a promised Land? Traces of a material view of Jesus of Nazareth’s eschatology in the Gospels*

MESA 2 (*sala 2.5.9*)

Moderador: Hans Ausloos

ROSA LÍDIA COIMBRA (Universidade de Aveiro) – *Promessas implícitas: as assinaturas de marca no discurso publicitário*

ANA ISABEL CORREIA MARTINS (FCT/ CECH, Universidade de Coimbra) – *A retórica da sedução na publicidade: quem promete cumpre?*

LUÍSA MAGALHÃES (Universidade Católica Portuguesa, Braga) – *And the World stood still... Seduction and glamour in luxury car advertising*

MESA 3 (sala 2.5.8)

Moderadora: Olga Castrillon-Mendes

MARIA DO CARMO CARDOSO MENDES (Universidade do Minho) – *A Terra Prometida “sob céus estranhos”*

DANGLEI DE CASTRO PEREIRA (Universidade de Brasília (UnB) – FAP/DFI, Brasil) – *Antropofagia e identidade na representação do indígena na literatura brasileira*

15h00 – Mesa-redonda: Mujeres en busca de la salvación (Auditório Aldónio Gomes)

Moderadora: María Teresa Santa María Fernández

DULCE M^a GONZÁLEZ DORESTE & FRANCISCA DEL MAR PLAZA PICÓN (Universidad de La Laguna, Tenerife) – *Mujeres en busca de la salvación: Ester*

M^a DEL PILAR MENDOZA RAMOS & M^a DEL PILAR LOJENDIO QUINTERO (Universidad de La Laguna, Tenerife) – *Mujeres en busca de la salvación: Sara*

MIGUEL ÁNGEL RÁBADE NAVARRO & CRISTINA BADÍA CUBAS (Universidad de La Laguna, Tenerife) – *Mujeres en busca de la salvación: Rebeca*

16h30 – Intervalo

17h00 – Sessão plenária (Auditório Aldónio Gomes)

Moderador: Carlos Morais

MARIA CECÍLIA COLOMBANI (Univ. de Moron/Univ. Nacional de Mar del Plata, Argentina) – *De los días áureos a la noche de los tiempos. Una lectura ético-antropológica del Mito de las Razas en Hesíodo*

MARÍA TERESA SANTA MARÍA FERNÁNDEZ (Universidad Internacional de La Rioja) – *El ciclo troyano en el teatro del exilio español*

2.º dia | 21 de setembro | quinta-feira

09h15 – Sessão plenária (Auditório Aldónio Gomes)

Moderadora: Maria Fernanda Brasete

GIULIANA RAGUSA (Universidade de S. Paulo, Brasil) – *Memória, a terra prometida dos poetas: o tema na mélica grega arcaica*

MARCOS LOPES (UNICAMP) – *A salvação pelo Ícone ou as terras prometidas da poesia*

10h15 – Intervalo

10h45 – 12h15 – Sessões simultâneas B

MESA 4 (Auditório Aldónio Gomes)

Moderadora: Maria Fernanda Brasete

JORDI REDONDO (Universitat de València) – *Elements of salvation in the Greek myths on the Hyperboreans*

CHIARA DI SERIO (University of Rome La Sapienza, Italy) – *The Collatio Alexandri et Dindimi: the "natural" space of the Brahmins*

ANA PAULA PINTO (Universidade Católica Portuguesa, Braga) – *Ultraje, exílio e salvação: Filoctetes e José do Egípto*

MESA 5 (sala 2.5.8)

Moderadora: Rosa Lúcia Coimbra

GONÇALO BRITO GRAÇA (Universidade Católica Portuguesa) – *Ascensão e queda do culto a Nun'Álvares Pereira no escotismo português (1909-1926)*

THIAGO LEONELLO ANDREUZZI (Unicamp, Brasil) – *Frankenstein: a construção de um mito moderno bem sucedido*

MANUEL CURADO (ILCH, Universidade do Minho) – *Os ajuntamentos de bruxas na demonologia portuguesa*

14h30 – 16h00 – Sessões simultâneas C

MESA 6 (Auditório Aldónio Gomes)

Moderador: Erik Van Achter

LUKE CONNOLLY (KU Leuven) – *Cormac McCarthy and The Road to nowhere: where to go when god is dead?*

SILVIA NERI (Université Paris 8 / Université de Padoue) – *Les mythes dans l'oeuvre de Matthew Barney*

SOFIA OLIVEIRA DIAS (Universidade de Salamanca) – *Estudo da alternância linguística na tradução portuguesa da obra É Assim que a Perdes, de Junot Díaz (2013)*

MESA 7 (sala 2.5.9)

Moderadora: Maria Fernanda Brasete

RAMÓN SONEIRA MARTÍNEZ (UCM, Madrid) – La increencia en el relato antropogónico de la Grecia del s. V a.C.

MARÍA GLORIA GONZÁLEZ GALVÁN (Universidad de La Laguna, Tenerife) – *Propuestas de catabasis para la salvación de Alceste en Eurípides*

ADRIANO MILHO CORDEIRO (Universidade de Coimbra) – *A retórica da sedução no Truculento de Plauto*

MESA 8 (sala 2.5.8)

Moderador: João Roberto Faria

OLGA MARIA CASTRILLON-MENDES (UNEMAT/Cáceres, Brasil) – *O mito da terra prometida em Madona dos Páramos*

ALDA NETO (CEPESE) – *As Casas de Brasileiros: a criação de estereótipos e a definição das características no Norte de Portugal*

PAULO JORGE TEIXEIRA CAVACO & ROSA MARIA SEQUEIRA (CEMRI / Universidade Aberta) – *Migrantes económicos em busca da terra prometida: salvação ou perdição?*

16h00 – Intervalo

16h30 – 18h00 – Sessões simultâneas D

MESA 9 (Auditório Aldónio Gomes)

Moderador: Carlos Moraes

AITOR FREÁN CAMPO (Universidade de Santiago de Compostela) – *La visión del más allá en la religiosidad romana: la transmigración de las almas como mensaje de esperanza*

MARIA JOSÉ FERREIRA LOPES (Universidade Católica Portuguesa, Braga) – *Entre a salvação colectiva e a salvação individual: alguns vestígios literários romanos dos mitos das Matres Idaea e Aegyptia*

MESA 10 (sala 2.5.9)

Moderador: António Manuel Ferreira

ANA MARIA FERREIRA CÔRTEZ & MARCOS LOPES (Unicamp, Brasil) – *Utopia e estatuto da poesia em poemas de Sophia de Mello Breyner Andresen*

CRISTINA DE JESUS ESPIGUINHA DIAS (Universidade de Évora) – *Habemus Natália Correia: a unidade espiritual, num mundo em demanda*

LILIANE S. DOS ANJOS & ROGÉRIO MODESTO (UNICAMP, Brasil) – *Quando fugir (não) é a salvação. A fuga na (des)construção de lugares de esperança*

MESA 11 (sala 2.5.8)

Moderadora: Giuliana Ragusa

JUNIA BARRETO & JOÃO ARTHUR P. GRAHL (Universidade de Brasília, Brasil) –
Literatura de refúgio nas diversas telas

ANDRÉ DI FRANCO MICHELL DE PAULA (Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil) –
Conflitos ontológicos no cinema de Apichatpong: Migração, guerra e ecologia em uma partilha do sensível

HILARINO CARLOS RODRIGUES DA LUZ (CHAM, FCSH-UNL / Uaç) – *Representação da viagem em Ruy Duarte de Carvalho*

20h00 – Jantar do Congresso

3.º dia | 22 de setembro | sexta-feira

09h15 – Sessão plenária (Auditório Aldónio Gomes)

Moderadora: Maria do Céu Fialho

ALEX VILLAS BOAS (Pontifícia Universidade Católica do Paraná) – *A questão da salvação entre logos e poiésis*

ANTÓNIO MANUEL FERREIRA (Universidade de Aveiro) – *Depois dos mitos: a salvação na obra de Ana Margarida de Carvalho*

10h15 – Intervalo

10h45 – 12h15 – Sessões simultâneas E

MESA 12 (Auditório Aldónio Gomes)

Moderador: Marcos Lopes

ELISABETH BATTISTA (UNEMAT/Cáceres, Brasil) – *Miragens da “Terra prometida” e o Centro-Oeste da margem*

REILA MÁRCIA BORGES RODRIGUES & AGNALDO RODRIGUES DA SILVA (Universidade do Estado de Mato Grosso, Brasil) – *A Terra Prometida como metáfora da salvação em Auto da Compadecida, de Ariano Suassuna*

ADRIANA DE FÁTIMA BARBOSA ARAÚJO (Universidade de Brasília, Brasil) – *O tema da migração na poesia de João Cabral de Melo*

MESA 13 (sala 2.5.9)

Moderador: Carlos Alberto Gamas

ARNALDO ROSA VIANNA NETO (Universidade Federal Fluminense, Brasil) – *Representações da Terra Prometida no Brasil: o malogro do mito edênico e o sebastianismo como reinvenção utópica do mito de salvação*

DOGOMAR GONZÁLEZ BALDI (SMED de Cachoeirinha, Rio Grande do Sul, Brasil) – *A Pampa Argentina como cenário discursivo da Terra Prometida*

JUAN MANUEL MARTÍN MARTÍN (Universidad de Salamanca) – *Danzig / Gdansk: la reconciliación (im)possible*

14h45 – 16h15 – Sessões simultâneas F

MESA 14 (Auditório Aldónio Gomes)

Moderadora: Maria Hermínia Amado Laurel

CARLOS ALBERTO DE CARVALHO DUARTE GAMAS (FCTUC, Universidade de Coimbra) – *Alexandria, templo das Musas*

MARTIM AIRES HORTA (Universidade de Lisboa) – *Meras e Salvação: divindades de exceções exemplares*

JOÃO DIOGO LOUREIRO (CECH, Universidade de Coimbra) – *Pode um mito salvar? Cristo em Espinosa*

MESA 15 (sala 2.5.9)

Moderador: Alex Villas Boas

TIAGO CEREJEIRA FONTES (Universidade do Minho) – *A controvérsia sobre a visão beatífica no seio do pontificado de João XXII*

PAULA ALMEIDA MENDES (CITCEM, Universidade do Porto) – *Paraísos “alternativos” na literatura de espiritualidade e na prosa de ficção em Portugal (séculos XVI-XVII)*

MESA 16 (sala 2.5.8)

Moderadora: Elisabett Battista

CATARINA PINTO FERNANDES (Universidade de Lisboa) – *A salvação no quotidiano tendo a mulher como força primária: Bet-Chan nos séculos XV e XIV a.C.*

LUÍS CARLOS R. S. BRANCO (Universidade de Aveiro) – *O Punk Rock em Língua Portuguesa e a Mensagem Salvífica do Protestantismo*

16h15 – Intervalo

16h45 – Sessão de encerramento (Auditório Aldónio Gomes)

Moderadora: Maria Fernanda Brasete

MARIA DO CÉU FIALHO (CECH, Universidade de Coimbra) – *Édipo em Colono: uma eterna fonte de vida*



resumos



comunicações

Adriana de Fátima Barbosa Araújo

Universidade de Brasília (UnB), Brasil

O tema da migração na poesia de João Cabral de Melo Neto

Palavras-chave: Migração, pobreza, poesia, objetividade, subjetividade, nordeste.

Nesta comunicação trago brevemente alguns achados da pesquisa que realizei no doutoramento na UFRJ (2000-2006) que culminou na defesa do trabalho *Migrantes nordestinos na literatura brasileira*, em 2006 e algum de seus desenvolvimento recente. Na ocasião da pesquisa, realizei, da obra de João Cabral de Melo Neto uma leitura de *Morte e vida severina: auto de natal pernambucano*. Nesta comunicação pretendo apresentar o desenvolvimento da pesquisa no sentido da aproximação de outros dois poemas do autor, nomeadamente: *O cão sem plumas* e *O rio*. Os três poemas formam um tríptico que apresentam, cada um a seu modo, a migração do interior de Pernambuco para a capital. Na pesquisa de doutoramento, parto da premissa de que os migrantes nordestinos aparecem na literatura brasileira como objetos e a pouco e pouco tomam seu lugar de protagonistas na narração de sua própria história. Ao considerar essa série literária, nestas obras de João Cabral, o migrante está inserido na relação autor culto e personagem iletrada que reaparece trabalhada na forma/conteúdo dos poemas. Nessa comunicação pretendo apresentar alguns resultados advindos da investigação motivada pela tentativa de entendimento de como essa relação está presente na composição dos três poemas. Nosso fundamento teórico partiu do estudo das obras marxianas e lukacsianas.

Adriano Milho Cordeiro

CLP/CECH-FLUC, Universidade de Coimbra; Centro de Investigação Joaquim Veríssimo Serrão

A retórica da sedução no Truculento de Plauto

Palavras-chave: Plauto; retórica; sedução; teatro; cortesã; *Truculentus*.

Tanto quanto se pode ver hoje, Plauto quis contar-nos as intrigas duma cortesã chamada, por antífrase, Fronésio ‘sabedoria’, a qual partilha os seus favores entre três amantes: Diniarco, um jovem ateniense que por si se arruinou e que ela, por este motivo, desamparou quase por completo; Estratófanos, um militar regressado da Babilónia coberto de ouro; por fim um jovem camponês, Estrábax, que a vigilância ríspida do seu escravo Truculento não pôde impedir de frequentar a bela nem de fazer dançar alegremente em casa dela as riquezas laboriosamente adquiridas na quinta. Fronésio tem a servi-la uma criada tão manhosa quanto ela própria, Astáfio, que se encarrega, segundo as circunstâncias, de enganar os amantes, de os mandar embora e, em caso de necessidade, de se substituir à sua senhora prestando-lhes os bons serviços que eles esperaríamos: é pelo menos o que afirma Diniarco no longo monólogo que abre a peça e lhe serve de prólogo: *Cum ea quoque etiam mihi fuit commercium*.

Mas, por mais preciosa que seja a ajuda da sua serva, Fronésio seria bem capaz de se desenvencilhar sozinha. Ela não é daquelas que se entregam gratuitamente, nem que se preocupam com escrúpulos, conduzindo com uma habilidade consumada o jogo que lhe permite seduzir e manter os seus três amantes na expectativa, prometendo-se e recusando-se alternadamente, não se esquecendo, porém, de arrecadar dinheiro e presentes e de reclamar sempre mais.

Aitor Freán Campo

Universidade de Santiago de Compostela, Departamento de Historia, Espanha

La visión del más allá en la religiosidad romana: la transmigración de las almas como mensaje de esperanza

Palavras-chave: Religión romana, escatología romana, muerte, orco, transmigración de las almas, epigrafía funeraria.

Uno de los argumentos que siempre se apunta a la hora de explicar la irrupción y el éxito de los cultos orientales en el Imperio romano es la ausencia en su religiosidad de un mensaje de esperanza que permitiera a sus ciudadanos afrontar la experiencia trágica de la muerte. Sin embargo, esta realidad no es del todo cierta.

A través de esta comunicación se pretende analizar la adaptación, el desarrollo y la puesta en práctica de la teoría de la transmigración de las almas en el imaginario de la muerte romano. Para ello, se prestará atención a los testimonios expresados a través de las fuentes textuales y también de los mensajes de esperanza que quedaron inscritos en su epigrafía funeraria. Todos ellos manifiestan una creencia en esa concepción que permitía a las personas regresar a la vida terrenal, aunque con un impedimento relevante que será, por otra parte, la causa de su fracaso: la pérdida inevitable de la identidad individual.

Alda Neto

CEPESE

As Casas de Brasileiros: a criação de estereótipos e a definição das características no Norte de Portugal

Palavras-chave: Emigração, conservação, arquitetura, património, estereótipos, *Brasileiros de Torna-Viagem*

Na segunda metade do século XIX e no primeiro quartel do século XX, Portugal assistiu ao regresso de um grande número de emigrantes vindos do Brasil. Aquando do seu regresso, nomeadamente ao Norte do país, trouxeram fortunas consideráveis alcançadas em terras brasileiras. Com o seu regresso, veio para Portugal uma experiência vivencial e cultural muito diversa do ambiente que então se vivia, que se traduziu nas casas construídas ou no desenvolvimento da educação. Uma vez que o património material construído em terras portuguesas constituía uma mudança acentuada da paisagem existente, pois, o Norte de país começou a encher-se de casas construídas ou

recuperadas pelos emigrantes. Se por um lado estes emigrantes procuraram retratar o país que os enriqueceu nas suas casas, outros construíram casas semelhantes a palacetes da burguesia. No entanto, a literatura romântica encarregou-se de criar estereótipos destas casas, criando características definidoras de um “estilo” que não existe. Assim, as *casas de brasileiros* tornaram-se num estereótipo criticado por todos e que, em parte, traduziu-se no abandono e desprezo da sociedade.

Considera-se que a casa é, simultaneamente, uma construção social, isto é, representa o modo como cada indivíduo se insere no mundo e como se dá a ver ao mundo. O gosto impresso por cada um dos *brasileiros* em cada uma das suas casas torna-as uma construção social e uma expressão paradigmática da melhoria das condições de vida daquele que partiu e que, posteriormente, regressou rodeado de sucesso¹.

Assim, considera-se que este tipo de património deverá ser fruto de uma abordagem em termos de valorização patrimonial e histórica, mas sobretudo deverá ser alvo de um intenso trabalho de preservação e reabilitação em alguns casos, para que estes edifícios possam adquirir uma nova funcionalidade ou simplesmente perpetuar no tempo a história do seu proprietário.

Alex Villas Boas

Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Brasil

A questão da salvação entre logos e poiésis

Palavras-chave: Teopoética, Teologia e Literatura, Homero, Literatura Cristã.

O tema da salvação aparece desde muito cedo na tentativa Ocidental de compor uma semântica do Mistério. Já na *Ilíada* a noção de *soter* está ligada à formas de *thaumazein* que elaboram uma teopoética, ligada à uma compreensão de intervenção divina aos moldes de uma teodiceia. Na *Odisseia* há um deslocamento semântico teológico pelo qual a salvação pode ser lida como uma relação com a busca de sabedoria na medida em que apenas *Atenas* intervém na relação entre Ulisses e Zeus, se limitando inspirar ações. Já a salvação política em Platão ocorre por via do *logos* que rejeita o papel da soteriologia tematizada pelos poetas. Na compreensão de alma platônica, o uso privilegiado de *psiqué* parece indicar um movimento de purificação e aperfeiçoamento que exclui o que não é adequado ao ideal, excluindo o ambíguo da interioridade humana, como parece ser o uso de *thimé* na tradição homérica. Para este a salvação parece estar mais ligada a tensão entre *diké* e *hybris*, tal qual assumida por Ésquilo. Pode-se verificar que a literatura cristã, especialmente os textos tidos como sagrados, se aproximam mais da lógica poética dos gregos, contudo uma forte influência platônica levou a reelaboração platonizante do conceito de *soter*, com consequências políticas muito parecidas com a tensão grega entre *logos* e *poiésis*, especialmente a tensão entre enfrentamento do império pela democracia e justificação do império, ou ainda no Cristianismo se coloca a tensão entre cultura alternativa ou cultura dominante, ambas as questões ligadas ao conceito de *soter*, e reassumidas desde os debates teológicos do século XX.

*A retórica da sedução na publicidade:
quem promete cumpre?*

Palavras-chave: publicidade comercial, publicidade social, *coerseduction*, discurso epidíctico, estereótipos.

«Qu’elles soient ou non légendées, les images me parlent»
Pierre Fresnault-Deruelle (1993: 20).

Assumindo que um consumidor está exposto, em média, a 3000 publicidades diárias, quais são as características que garantem um maior grau de eficácia na persuasão? Quais são os dispositivos retórico-argumentativos subjacentes ao processo da retórica da sedução? René-Jean Ravault afirma que publicidade é a combinação de ‘coercion’ e de ‘seduction’ (*coerseduction*), sublinhando que os seus mecanismos impelem as pessoas a agir num determinado sentido ou a comprar algo, dependendo da natureza mais social ou comercial da publicidade. O objectivo passa por suscitar a identificação do público, seja com um produto seja com uma ideia (*mouere*), reequacionando valores, mitos e estereótipos, num processo tão mais optimizado se falarmos em publicidades sociais (*docere*), a par da fruição e de um forte apelo à imaginação (*delectare*).

A indução torna-se mais importante do que a revelação porque o ‘efeito barreira’ potencia um exercício heurístico, num jogo dialéctico entre informação vs sugestão, racionalidade vs emoção. Conceitos clássicos como *aesthesia* são inalienáveis ao processo de sedução, perspectivado em três sentidos: a) qualitativo e icónico que se prende com a natureza estético-formal da publicidade, responsável pela empatia na primeira impressão - *captatio benevolentiae*; b) singular e indicativo quando a mensagem é analisada como algo circunscrito no tempo e espaço de uma cultura ou sociedade; c) convenção-simbólica pela forma como as representações são interpretadas pelo auditório, à luz de certos valores culturais, subjectivos e abstractos). *Mutatis Mutandis*, poderemos corresponder a cada uma destas dimensões *ethos*, *logos* e *pathos*. O discurso epidíctico é preferencialmente mobilizado e fortalece a dinâmica de coesão e identificação, gizando uma (pré)disposição para a acção. Importa, porém, discernir entre consequência e finalidade do discurso publicitário.

No presente trabalho, propomo-nos analisar alguns exemplos de anúncios publicitários e de propaganda, à luz de todos estes conceitos, nos quais a retórica de sedução é eficazmente executada, não relegando um olhar crítico sobre as imagens e paradigmas por ela veiculados.

Ana Maria Ferreira Côrtes

Marcos Lopes

Instituto de Estudos da Linguagem – IEL/Unicamp, Brasil

*Utopia e estatuto da poesia em poemas
de Sophia de Mello Breyner Andresen*

Palavras-chave: Sophia Andresen, literatura portuguesa, literatura e religião, utopia, estatuto da poesia, sagrado.

Esta comunicação discutirá a existência de uma dimensão utópica na poética da poeta portuguesa Sophia de Mello Breyner Andresen. Nosso objetivo é analisar poemas selecionados dos livros *Poesia* (1944), *Livro sexto* (1962) e *Ilhas* (1989), os quais, em nossa leitura, são representativos de três momentos da poesia da autora. Em nossa análise do *corpus* poético, partimos da hipótese de que a poesia de Andresen solicita um exercício hermenêutico, que se fundamentaria na tensão dialética entre as instâncias da imanência e da transcendência, com base naquilo que denominamos de gesto litúrgico, que é instaurador do poema e de uma relação entre mundo sensível e mundo inteligível. A partir desse gesto, que se dá na esfera poética e, também, no mundo que o eu-lírico dos poemas contempla e que lhe serve de referente, ele buscaria a ascese espiritual, o encontro com o divino e a redenção que dele adviria. Esse encontro se daria em um tempo que não tem princípio nem fim e, nesse contexto, a própria poesia seria uma forma de alcançar, ainda que momentaneamente, a plenitude da união com a divindade. Subsistiria, na poética de Andresen, uma espécie de princípio esperança, uma crença na realização de seu projeto utópico, que é simultaneamente ético e estético, na medida em que ganha forma com base no encontro entre a realidade sensível e a transcendência, através da elocução poética. A poesia readquiriria, assim, em Andresen, seu estatuto de lugar sagrado, ao mesmo tempo em que o poeta apareceria como uma sorte de sacerdote, capaz de surpreender e revelar, no mundo, os instantes da presença de Deus.

Ana Paula Pinto

CEFH /Faculdade de Filosofia, Centro Regional de Braga, Universidade Católica Portuguesa

*Ultraje, exílio e salvação:
Filoctetes e José do Egípto*

Palavras-chave: Filoctetes, José do Egípto, ultraje, exílio, culpa, salvação.

A imagem de Filoctetes, sustentada nuclearmente pelo testemunho trágico de Sófocles, atravessa obsessivamente toda a Literatura Grega, no amplo arco temporal que vai desde a aurora original, com os Poemas Homéricos, ao ocaso, no séc. IX, com Fócio de Constantinopla. Arrastado do conforto da pátria pelo dever aristocrático de defender a honra dos pares, ferido pelos deuses e pela deslealdade dos companheiros, ele é obrigado a viver a condição excepcional de um exílio maior, que se confunde com a própria morte, isolado em Lemnos, até que sinais proféticos manifestem aos aqueus a

exigência da sua pacificação e reintegração para a solução definitiva do conflito armado em Tróia.

Também na narrativa Bíblica do Génesis (37 sqq), integrado numa história genealógica de traições familiares, a José, o filho preferido de Jacob, vítima do ressentimento dos irmãos, e forçado a assumir o exílio (simbolicamente vivido como orfandade e luto por ele e pela família), longe da casa e do amor paterno, caberá por desígnio divino a salvação dos que o ultrajaram.

É, pois, no enquadramento de uma tipologia mítica comum, apoiadas em mitemas afins (como o do ultraje e do exílio) e estruturas ficcionais similares, que nos propomos fazer a leitura simbólica do tema da culpa e da salvação presente em ambas as narrativas.

André Di Franco Michell de Paula

Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

Conflitos ontológicos no cinema de Apichatpong: Migração, guerra e ecologia em uma partilha do sensível

Palavras-chave: Ontologias, cinema tailandês, descola, partilha do sensível, migração, guerra.

O presente trabalho pretende discutir como filme “Tio Bomne, que pode recordar suas vidas passadas”(2010) do cineasta Tailandês Apichatpong redistribui uma *partilha do sensível*(Rancière), lidando com questões cosmopolíticas e sociais relevantes ao nosso tempo - como migração, guerra e ecologia. Através de uma justaposição de elementos documentais, ficcionais e míticos, o cineasta Tailandês reelabora um outro recorte sensível à comunidade, constituindo um espaço de *livre jogo*(Schiller) aonde se imbricam cotidiano vivido com universo mítico, tornando-os quase indiscerníveis através dos procedimentos formais de sua *mise-en-scene*. Neste lugar, o *dissenso* é inaugurado com a inserção de outras *humanidades* dentro de cena, como a do xamã, a do macaco fantasma, do espírito da esposa e a de variados *animais*. Estes seres que antes não tinham voz no jogo político, compartilham agora uma comunidade, “demonstrando que sim, suas bocas emitem uma palavra que enuncia algo do comum e não apenas uma voz que sinaliza a dor”(Rancière). Para tanto, o autor se vale do conflito entre duas ontologias que compartilham o espaço dentro de cena. No caso, estas ontologias são denominadas por Descola como *naturalista*, que seria a ontologia em que vivemos e que estabelece um domínio ontológico de uma “natureza”, em que leis gerais poderiam explicar eventos e onde nada aconteceria sem uma causa; e a ontologia *animista*, que tem como característica principal a imputação de subjetividade a plantas, animais e outros elementos do ambiente físico de modo a estabelecer relações pessoais com eles. Este conflito ontológico que reelabora por completo uma *partilha do sensível*, nos propõe perceber como elaboramos, no mundo das sociedades complexas, uma diferenciação e valoração entre humanidades, o mesmo processo que incita a promoção da xenofobia, das guerras e das catástrofes ambientais do antropoceno. Desta forma, heterogêneas maneiras de se conceber o mundo reelaboram um mesmo comum, ou então, heterogêneos mundos se imbricam dentro de um mesmo real.

António Manuel Ferreira
DLC/CLLC, Universidade de Aveiro

*Depois dos mitos: a salvação na obra
de Ana Margarida de Carvalho*

Palavras-chave: Literatura portuguesa, mitografias, salvação.

No primeiro capítulo do romance *Não se pode morar nos olhos de um gato* (2016), de Ana Margarida de Carvalho, uma das personagens mais inusitadas é a estátua em madeira de uma santa mestiça que, entre outras coisas, faz a pergunta seguinte: “Que Deus é este que ninguém entende?”. No último andamento do livro, antecedendo o remate, um jovem moribundo exclama, em registo suplicante: “Do profundo abismo, clamo por vós, meu pai”. O romance é uma obra compósita, muito bem elaborada, e pode, por isso mesmo, ser interpretado de diversas maneiras. A mim, que o li com um prazer intenso, o que mais me impressionou foi a recorrente convocação de Deus: um Deus ausente, mudo, intangível e totalmente desinteressado do destino dos homens.

Arnaldo Rosa Vianna Neto
Universidade Federal Fluminense (UFF), Brasil

*Representações da Terra Prometida no Brasil:
o malogro do mito edênico e o sebastianismo
como reinvenção utópica do mito de salvação*

Palavras-chave: Mito, Brasil, paraíso, messianismo, Sebastianismo, identidades nacionais.

Uma pedagogia da leitura de mitos não pode ignorar a matéria intertextual redimensionada pelas construções do imaginário cultural onde se produzem seus sentidos. Do discurso antropológico, destaca-se o conceito de mito como texto polifônico, tecido pelo conjunto de suas versões, invariantes e variantes, reelaboradas por combinações, permutas e transformações na tessitura de novas versões (historicizadas) do passado intemporal. Em sua movência contínua, o imaginário coletivo perpassa o discurso histórico e, ao enxertar na história canônica a estrutura mítica, torna narrável esse inacabamento onde se ressignificam dispositivos discursivos que caracterizam as identidades nacionais. Sua função é, pois, acentuadamente política, uma vez que impede a homogeneização cultural e a exclusão e/ou a submissão de identidades culturais constituídas na margem histórica. A condição de itinerância do mito no imaginário coletivo dos povos fundadores garantiu sua reterritorialização nas Américas, possibilitando a sobrevivência da utopia edênica. No Brasil, o mito fundador identifica o país como o Paraíso Terrestre reencontrado. Permanece, entretanto, nas culturas popular e erudita, o mito sebástico, em cujo discurso circula a imagem de um país mergulhado na injustiça e na violência. Sua representação mais forte está no Nordeste estóico e místico. No discurso mítico do sebastianismo, onde se reescreve o messianismo judaico-cristão, a salvação advém das representações do rei de Portugal, Dom Sebastião, desaparecido na batalha de Alcácer-Quibir, identificado como o Salvador terreno que antecederá a segunda vinda do Cristo. Esse neo-sebastianismo recria e alimenta o messianismo

nordestino, responsável pelas trágicas tentativas de realização do conteúdo mítico em episódios históricos. Nesse contexto, abordaremos, em *O Romance d'A Pedra do Reino ou O Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta*, do escritor brasileiro Ariano Suassuna, os *ethoi* político e histórico que não integram a vertente utópica do mito edênico, outorgando a Dom Sebastião a representação do mito de salvação, por permanência histórica ou reinvenção literária.

Carlos Alberto de Carvalho Duarte Gamas

Faculdade de Ciências e Tecnologia da Univ. Coimbra

Alexandria, templo das Musas

Palavras-chave: Atenas, Alexandria, Museu, Matemática, astronomia, cartografia.

No novo mundo pós-alexandrino, Atenas tendo há muito perdido a sua supremacia, continua a funcionar como espaço inspirador no imaginário de poetas e de cientistas. Construir uma nova Atenas: eis o sonho de muitos governantes. É em Alexandria, pelas suas condições, no espaço abrigado dos corredores de guerra do tempo, que Ptolomeu, bem aconselhado e com uma visão notável, vai concretizar esse sonho. ‘O templo das Musas’, como espaço de saber, foi inspirado desde Atenas por Demétrio de Faléron. a que se agregou a Biblioteca, espaço mais dado às letras, mas também ao arquivo, cópia e comentário de manuscritos, incluindo científicos. O sonho de Alexandria atrai, no âmbito das ciências matemáticas/astronómicas/cartográficas sábios de ocidente, mas também de oriente, caldeando conhecimentos que muito contribuíram para o avanço num caminho que os Pitagóricos, Platão e Aristóteles tinham já aberto e a que a cultura árabe dará brilho redobrado.

Catarina Pinto Fernandes

UNIARQ / CHUL, Universidade de Lisboa

A salvação no quotidiano tendo a mulher como força primária: Bet-Chan nos séculos XV e XIV a.C.

Palavras-chave: Figurinhas de terracota, textos antigos, Bet-Chan, salvação, mulher, quotidiano.

A partir do conceito de “Contexto de interação” (Earle e Ertle 1999), pretende-se atentar nos níveis estratigráficos do Bronze Final (Séculos XV e XIV a.C.) do sítio de Bet-Chan(Palestina) (Mullins 2002) e analisar as figurinhas de terracota femininas.

Socialmente, homens e mulheres foram diferentemente expostos nos antigos textos religiosos e literários, levando os investigadores a assumir, como descrito, que funções administrativas, comerciais e religiosas públicas seriam desempenhadas por homens, relegando as mulheres aos ambientes domésticos.

A criação literária, em certa medida uma criação utópica, encarcera uma necessidade de embelezamento de tradições orais, ideologias, rituais e mitos, tornando-a

imperfeita como representativo fidedigno das verdadeiras dinâmicas sociais, conferindo ao estudo de sítios arqueológicos como Bet-Chan, um importante contributo como contraponto textual.

As figurinhas enquanto representações sociais, moldadas e manipuladas por mulheres, associam-se então a ambientes domésticos, centros do poder feminino. Contudo, o aparecimento arqueológico das mesmas em contextos públicos e privados, demonstra em contrário que não é possível desconectá-las das várias complexidades masculinas.

Sem entrar em radicalismos, através da Salvação, pode colocar-se a mulher como agente em diversos ambientes. Das referências textuais, elas estão presentes na geração de descendência, na educação dos jovens, na partilha do conhecimento oral, na cura de doenças e medos, na resolução de problemas matrimoniais, em libertações demoníacas, na comunicação com entidades e deuses e acima de tudo, com a capacidade única de ligar os planos terreno e espiritual.

Propõe-se por fim o estudo da mulher-mãe, mulher-sábia ou mulher-curandeira como representação de género, definidor de funções subsidiárias, mas não secundárias, num sítio pautado pela diversidade étnica e funcional onde as práticas de salvação quotidianas, difundidas pelo feminino eram para todos, independentemente de categorias de género.

Chiara Di Serio

University of Rome “La Sapienza”, Italy

The Collatio Alexandri et Dindimi: the "natural" space of the Brahmins

Keywords: cultural debate, *ius naturae*, *lex civilis*, world “other”.

This study focuses on the *Collatio Alexandri et Dindimi*, a fake exchange of five letters between Alexander the Great and Dindimus, the king of the Brahmins. According to the researchers, the text could be traced back to the IV-V century AD. It is a work that attests to a cultural debate between the classical world and a different point of view, represented by a mythical Brahmins’ society.

The present research examines the dynamics underlying the text in depth, beginning from the analysis of the particular Brahmin’s lifestyle, described by Dindimus and founded on the *ius naturae*, and then shifting to the contents of the Alexander’s response, which opposes a different way of thinking to him, based on *lex civilis*. If we look at it clearly, Dindimus’ reasoning turns out to be in agreement with an ascetic ideal shaped according to the principles of Christian doctrine. On the contrary, Alexander’s argument rests upon typical criteria reasons of rationality and moderation insofar as they are distinctive features of the classical thought.

The field of our survey then extends itself as far as to religious context in which the opposite speeches of Dindimus and Alexander are articulated: the first of two attacks the worship of many gods and the rite of sacrifice, harshly condemning both.

Until today, there are various interpretations of the document: 1) it is internal debate within the Christianity because the Brahmins incarnate an ascetic model that was judged as something to condemn, such as the position of Jovinian; 2) it is a reaction to the attacks either on Alexander by Cynic philosophy, or possibly on paganism by early Christians.

Therefore, the main purpose of this investigation is aimed at demonstrating how the *Collatio* illustrates the mechanisms whereby the Christian thought, identifying itself with a world "other", contrasts with the earlier society. This research perspective highlights how the "natural" space of the Brahmans is opposed to that of the Greek-Roman culture, in a context of total denial and lack of civilization.

Cristina de Jesus Espiguiinha Dias

Universidade de Évora

Habemus Natália Correia: a unidade espiritual, num mundo em demanda

Palavras-chave: unidade, esoterismo, Espírito Santo, espiritual, fraternidade, paz.

Prevemos com o nosso trabalho demonstrar que a obra literária de Natália Correia se orienta em direção a um mundo de ecumenismo, onde sem preocupações religiosas concretas, a unidade espiritual se possa desenvolver. Esta ideia de espiritualidade perpassa um conjunto de estratégias, de traços literários, que convocam a estreiteza entre a realidade e a imaginação. Deste confronto saudável entre os elementos, atrás expressos, resulta a estética e a arte de Natália Correia, por essa razão, expressamos que *habemus Natália*, pois a originalidade da Autora encontra-se no facto de potenciar um mundo progressivo, onde o regresso à representação edénica, projeta a construção de um espaço diferente, único e simultaneamente original.

Natália Correia não nega a religiosidade, ainda que não expresse diretamente a aceitação de uma ou outra religião, pois entende que todas as são resultantes de uma mesma origem, pelo que não faz sentido falar em divergência e, sim, no seu oposto. Por esta razão, revelamos que Judaísmo, Hinduísmo, Cristianismo e outras religiões são alvo de estudo e projeção na obra literária de Natália Correia. Ilustraremos, no nosso trabalho o contacto reunitivo da Autora com as várias religiões.

A escrita nataliana prefigura a harmonização dos elementos contrários, das partes não consonantes, com o intuito de aprofundar a margem de liberdade que homens e mulheres podem ter, numa recusa face à superioridade masculina. Natália Correia busca, essencialmente, exponenciar o homem sensível, que engloba sensibilidade feminina e virilidade masculina.

Revelamos como todos os modos literários, em que a obra literária édita e inédita de Natália Correia se estende (Narrativo, Dramático e Lírico), convergem para a unidade de sentido. Nesta confluência resulta uma mostra «quase utópica», em que se prevê a conceção, ainda que não expressa numa única obra, de um mundo novo, onde todos possam sentir-se livres e a salvação se configure.

Danglei de Castro Pereira

Universidade de Brasília (UnB) – FAP/DFI, Brasil

Antropofagia e identidade na representação do indígena na literatura brasileira

Palavras-Chave: literatura brasileira, identidade, cultura, narrativa brasileira, migração, indígena.

A proposta de comunicação resulta de ações desenvolvidas no projeto de pesquisa “Antropofagia e identidade na representação do indígena na literatura brasileira”, desenvolvido na Universidade de Brasília, no âmbito do Grupo de Pesquisa “Historiografia, cânone e ensino” e do Programa de Pós-Graduação em Literatura da UnB. A pesquisa investiga formas de materialização da identidade nacional na representação do indígena na literatura brasileira em um percurso de resgate de valores culturais em processo de contínua interação cultural desde os movimentos migratórios formativos da cultura brasileira. Levamos em consideração a presença de elementos antropófagos, conforme Oswald de Andrade (1922) e Campos (1987) na tradição literária brasileira por meio da representação da figura indígena nas obras: *A carta de Pero Vaz de Caminha*, de Pero Vaz de Caminha; *O guarani*, de José de Alencar; *Simá*: romance histórico brasileiro, de Lourenço Amazonas; *Macunaíma*: o herói sem nenhum caráter, de Mário de Andrade e *Maíra*, de Darcy Ribeiro. Neste percurso, entendemos como necessário apresentar considerações sobre a arte moderna, dando enfoque às considerações de Baudelaire (1999), Octavio Paz (1972, 1994), bem como recuperar posicionamentos críticos de Adorno (1992), Rosenfeld (1991), Berman (1987) e Luckas (1995), entre outros, como forma de estabelecer um percurso teórico direcionado à representação do contato intercultural na formação da identidade nacional no Brasil. A proposta de investigação discute os recursos estilísticos que delimitam os elementos constituintes da identidade cultural no Brasil e a expressão das matrizes formativas desta identidade à luz do conceito de antropofagia em Oswald de Andrade por meio da materialidade do indígena nos textos que compõe o *corpus* desta investigação.

David Villar Vegas

Departamento de Estudios Hebreos y Arameos, Universidad Complutense de Madrid

Entre el mito y la historia: El Éxodo de los israelitas desde Egipto a Canaán

Keywords: Archaeology, Middle Eastern History, Biblical Literature, Travel, Jews.

This communication focuses on the thematic premise which realizes a suitable exhibition of the Israelite’s Exodus from Egypt it is essential to rely on the contributions of the archaeological findings, the literary sources and the majority of the Bible with the most number of research studies conducted by the specialists of this matter.

There is a theoretical-methodological perspective and a critical approach that leads to presenting, first, the contribution for each of the sources and the support for the diverse

approaches. Later, it will focus on a contrast of all of this with the aim that the support for each of the analyzed topics has a strong theoretical and empirical support.

Dogomar González Baldi

SMED de Cachoeirinha, Rio Grande do Sul, Brasil.

A Pampa Argentina como cenário discursivo da Terra Prometida

Palavras chave: Mito, terra prometida, salvação, transumância, pampa, Argentina.

“Eis, portanto, a terra que Eu vos dei! Entrai para possuir a terra que o Senhor, sob juramento, prometera dar a vossos pais, Abraão, Isaac e Jacó, e depois deles, à sua descendência!...”
Deuteronômio 1:8

O mito da Terra Prometida permeia todas as culturas ancestrais do mundo e as acompanhou no constante processo de transumâncias. O presente trabalho tem por objetivo apresentar a pampa argentina como cenário identificável com a ideia ancestral da Terra Prometida. A pampa é um bioma da América do Sul que atinge uma superfície de quase 750 mil km², ocupando a metade do território brasileiro do estado do Rio Grande do Sul, todo o território do Uruguay e quase o 20 % da Argentina. Originou-se no fim do período cretáceo com a elevação da cordilheira dos Andes, pouco antes da extinção dos dinossauros. Desde suas origens, seu relevo apresentou alterações pouco significativas, e a partir dos últimos 12 mil anos, durante o Pleistoceno, foi o cenário da chegada dos primeiros povoadores que conviveram com os animais da megafauna local. Os descendentes destes paleoindígenas confrontaram a chegada dos espanhóis que procuravam ouro e riquezas naturais e o desejo de povoar um novo mundo. Séculos depois, consolidada a república Argentina após a sua independência e posterior fim dos seus conflitos internos, a pampa continuava um desafio. No último quarto do século XIX, o padre José Gabriel Brochero assumiu as necessidades de um povoado esquecido pelas autoridades, criando capelas, igrejas e escolas, enxergando a pampa como espaço ideal para reivindicar a restauração do Éden bíblico. As bondades do bioma forneciam as condições necessárias para obter uma segunda chance e aprender a viver em harmonia individual e coletiva com a natureza e com o seu Criador. Neste sentido, também um contingente de judeus vindos da Rússia por causa das perseguições antissemitas afinca-se na província de Entre Ríos. Assim pampa tornava-se uma segunda Terra Prometida, uma Nova Jerusalem, anunciada nas prédicas da sinagoga. Para defender o presente pressuposto, o ensaio conta com um referencial teórico a partir dos estudos de Mircea Eliade, Mikhail Bakhtin, Gaston Bachelard e Ezequiel Martínez Estrada, conjuntamente com as considerações do seu autor.

Elisabeth Battista

UNEMAT/Cáceres, Brasil

Miragens da “Terra prometida” e o Centro-Oeste da margem

Palavras-chave: Poesia; Imagem poética da Terra prometida; Literatura de Mato Grosso; Dom Aquino Correa.

A pós-modernidade tem fornecido condições propícias para refletir a exclusão e os textos de autores que por algum tempo ficaram à margem. Ao abraçar a causa de estudar as experiências literárias das periferias brasileiras, localizamos na poética de Dom Aquino Corrêa (1885-1956), poeta e Arcebispo de Cuiabá, conhecedor e profundo admirador das paisagens do extenso território mato-grossense, uma produção ainda pouco explorada. O autor, por meio da sua produção criativa fornece imagens poéticas, a partir de cenários observados, na qual enceta uma viagem pelas paisagens e pela cultura mato-grossense tal como o povo hebreu parte em busca da “terra prometida”. Ali as imagens arquetípicas remetem aos grandes eixos da representação simbólica: do espaço – e da busca pela Terra Prometida, reconfigurada na imagem do Paraíso – e do homem mato-grossense, ao mesmo tempo em que congrega, em si, as imagens dos antigos arquétipos universais. Neste espaço poético compõem-se a natureza, a cultura, os temas e dilemas sociais, acrescidos da construção da sua identidade e do seu lugar. O apoio teórico fundamental é buscado nos estudos do imaginário desenvolvidos por Gaston Bachelard, quanto à imaginação criadora, e em Gilbert Durand, quanto aos fundamentos antropológicos da formação e da permanência das imagens mítico simbólicas no conjunto cultural das sociedades.

Erik Van Achter

KULeuven, Bélgica / CLP Coimbra, Portugal

A Terra Prometida, da Utopia para a Dystopia, e vice versa. Through a Portagee Gate de Charles Reis Félix.

Palavras chave: Conto intercalado, (auto) biography Terra Prometida, utopia.

A presente comunicação pretende ser uma discussão da (auto) biografia *Through a Portagee Gate* de Charles Reis Félix, obra que relata as experiências do autor, principalmente na Califórnia como professor no ensino primário. A segunda parte do “livro de memórias” busca representar a biografia do pai (*Joe the Cobbler*), natural de Setúbal, que emigrou enquanto jovem para a Costa Leste após a Grande Guerra. A narrativa híbrida (biografia e autobiografia num só volume) no fundo escrita em “vignettes”, ou seja, pequenas histórias (em diálogo ou monólogo; reais ou fictícias) que poderiam ser lidas fundamentalmente pela sua qualidade própria, e fazem lembrar, do ponto de vista do gênero, um ciclo de contos intercalados. Neste *patchwork* bastante extenso acerca da Terra Prometida, certamente representada pela América do Norte para a maioria dos emigrantes portugueses, saliente-se uma dicotomia latente entre utopia e distopia, entre emigrante e filho de emigrante, mas tendo como lei básica a distopia que torna-se utopia, e vice-versa, raras vezes na realidade mas sempre na imaginação.

Fernando Bermejo-Rubio

UNED (Universidad Nacional de Educación a Distancia), Madrid

Is the Kingdom of God/Heaven a promised Land? Traces of a material view of Jesus of Nazareth's eschatology in the Gospels

Palabras clave: Eschatology, Jesus of Nazareth, Gospels, salvation, land, spiritualization.

It is a well-known fact that the Christian religion, since Paul (see e.g. *Romans* 14:17), developed a spiritualized view of the eschatological expectations of Second Temple Judaism, to the extent that the expressions “Kingdom of God/Heaven” of the Canonical Gospels were ultimately understood as designating a heavenly salvation. This process increased after the defeats of the two Jewish-Roman wars in the 1st and the 2nd centuries, which for Israel involved the loss of the land. There are, however, several traces in the Synoptic Gospels and the Christian tradition hinting at a more original material and territorial understanding of the soteriological hopes of Jesus of Nazareth. The present contribution, on the one hand, surveys the available sources in order to check the evidence which allows us to glimpse the presence, in the Galilean preacher's eschatology, of the idea of a “promised land”, or a salvation “on earth”; on the other hand, it tries to explain the mechanisms and reasons which triggered the spiritualizing processes through which Christianity ended up endorsing a transcendentalized and de-materialized view of salvation.

Giuliana Ragusa

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, Brasil

Memória, a terra prometida dos poetas: o tema na mélica grega arcaica

Palavras-chave: Memória, imortalidade, poesia grega arcaica, poesia mélica.

Entre os temas mais recorrentes da poesia grega antiga está, decerto, o da imortalização do poeta através da memória de suas composições. Pode-se pensar, portanto, que o universo imaterial e perene da memória é uma espécie de terra prometida desejada pelos poetas, bem como a vereda que leva à salvação da mortalidade e de algo ainda mais terrível – do esquecimento. Inexorável e inelutável, a morte não pode ser evitada, e da escuridão do Hades um mortal não escapa. O oblívio e a própria morte, porém, podem ser de algum modo superados – no mundo da poesia, pela fama do nome e dos versos, à qual aspira o poeta. Estudar esse tema, suas elaborações e as estratégias de que se valem os poetas no gênero mais eminentemente performático da poesia grega antiga, a mélica (a lírica propriamente dita): eis a aspiração desta palestra.

Gonalo Brito Graa

PIUDHist / CEHR, Universidade Cat3lica Portuguesa

Ascens3o e queda do culto a Nun'3lvares Pereira no escotismo portugu4s (1909-1926)

Palavras-chave: Escoteiros, Nuno 3lvares Pereira, Portugal, Aljubarrota, F3tima.

A comunica3o que proponho apresentar ao Congresso Internacional *Em busca da terra prometida: mitos de salva3o* percorre o estudo do culto de Nuno 3lvares Pereira no associativismo escotista portugu4s, um campo educacional ainda por explorar, e integra-se no painel tem3tico “Mitos e Estere3tipos”. Nas d3cadas de 1910/1920, a figura deste Santo/Her3i serviu de modelo educacional para crianas e jovens, concentrando em si os caminhos do cidad3o exemplar (aquele que luta e morre pela P3tria) e o de crist3o devoto. Por ser um movimento educativo espec3fico, que englobava diversas confiss3es religiosas, as v3rias associa3es recorreram a um modelo de devo3o ecum4nico, e os respectivos 3rg3os oficiais de comunica3o promoveram este arqu4tipo salv3fico nas mais diversas formas. 3s efem3rides de 14 de Agosto (celebra3o da Batalha de Aljubarrota) ou o primeiro de Novembro (falecimento) somar-se-3o tamb4m as peregrina3es 3 vila de Batalha e acampamentos nas imedia3es dos novos territ3rios sagrados para o associativismo escotista. A an3lise dos peri3dicos e documenta3o interna revela uma gemina3o entre o culto de Nuno 3lvares Pereira e a forma id3lica da prepara3o f3sica dos jovens em contexto de ar livre. Assim, pretende-se observar a ascens3o e queda do culto a Nuno 3lvares Pereira no peri3do cronol3gico entre 1909 e 1926, que corresponde 3 introdu3o do escotismo em Portugal, e termina com o Acampamento Nacional dos escoteiros cat3licos em Aljubarrota, expoente m3ximo da sacralidade material, e que vai coincidir com o fen3meno religioso das peregrina3es a F3tima.

Hans Ausloos

F.R.S.-FNRS – Universit3 catholique de Louvain (Belgium)

“To your offspring I will give this land” (Genesis 12,7). The theme of the Promised Land in the Biblical tradition

Keywords: Israel, Promised Land, Old Testament.

Although the English designation “Promised Land” is not used as such in the Old Testament, the theological motif of the Land being promised by God to Israel is undoubtedly one of the main themes that connects most books of the Old Testament. However, due to the fact that these books have been composed by various authors in very different historical contexts, there is no single uniform treatment of this motif within the Bible. Whereas some biblical pericopes speak about an unconditional gift of the land by God’s grace, others stipulate that not obeying God’s commandments will lead to the loss of the Promised Land, a land that originally was not Israel’s own. Moreover, even if promised to be possessed by Israel, several texts accentuate that, in the end, it remains God’s land: Israel can make use of it, but the land itself belongs to God.

The present paper will deal with both literary and historical questions with respect to this theological motif, that is ubiquitous within the Old Testament. It pertains respectively to the way in which the Old Testament presents the theme of the Promised Land, and to the different presentations of its taking into possession as well as to its varying dimensions.

Hilarino Carlos Rodrigues da Luz

CHAM, FCSH-UNL / Uaç

Representação da viagem em Ruy Duarte de Carvalho

Palavras-chave: Angola, Brasil, Ruy Duarte de Carvalho, produção literária, viagem, imaginário.

Ruy Duarte de Carvalho, um autor de referência da língua portuguesa que valorizou as línguas locais angolanas, viveu a sua infância em Moçâmedes, Angola, e regressou a Santarém, Portugal, local do seu nascimento, em 1955, onde concluiu o curso de Regente Agrícola, na Escola Superior Agrária. Com uma produção literária constituída por poesia, ficção, ensaio, narrativa, crónica e filmografia, encontramos no autor um modo singular «de manifestar, de entender, de planear, de executar e de representar a cultura» dos territórios por onde passou, nomeadamente o sul de Angola e o Brasil. Essa abordagem apresenta-se como um instrumento de diferenciação cultural capaz de distinguir espaços entendidos como o resultado da sua habilidade de projectar o imaginário, a partir do qual se nomeiam o corpo social, o referido espaço e o próprio tempo. A mobilidade predispunha-o ao acontecimento, à exultação da experiência e inclusive a procurar as proximidades e diferenças. Segundo Marta Lança, «a viagem era um programa, exigindo preparação, abundantes leituras prévias sobre os contextos dos territórios a percorrer, muita observação e uma metodológica escrita de notas durante a viagem, para fixar o que lhe haveria de dar a pensar depois na aventura dos livros». (Lança, 2001).

João Diogo Loureiro

CECH, Universidade de Coimbra

Pode um mito salvar? Cristo em Espinosa

Palavras-chave: Espinosa, Cristo, estado, salvação, *Tratado teológico-político*, A. Matheron.

Espinosa expõe na *Ética* um caminho para o que chama de salvação. O uso de um vocábulo do âmbito religioso é deliberado: o filósofo vê-se a si mesmo, em parte, como restituindo a mensagem religiosa à sua pureza filosófica. Espinosa, contudo, está por demais consciente de que poucos são aqueles capazes de trilhar o caminho que esboça no seu livro. Todavia, quer neste, quer, sobretudo, no *Tratado teológico-político* [TTP],

Espinosa parece reconhecer a existência de vias alternativas para a salvação. Assim, na *Ética*, discute o papel do Estado na orientação da acção dos indivíduos e a possibilidade de estes convergirem nos seus actos com o ser humano sábio. Já no *TTP* é elaborada uma filosofia da religião em que o papel positivo desta é moderadamente destacado. A figura de Cristo é objecto da atenção do filósofo, que lê a mensagem do Nazareno como fundamentalmente uma apresentação, em termos compreensíveis para as massas, das verdades filosóficas do seu próprio sistema.

Alexandre Matheron foi o primeiro a, de modo sistemático, investigar esta estranha forma de salvação que Espinosa, o arqui-racionalista, parece contemplar no *TTP* (vd. *Le Christ et le salut des ignorants chez Spinoza*, de 1971). O que, em resumo, nos propomos fazer é, sob a sua égide, revisitar esta problemática tese do filósofo luso-holandês. Faz sentido que o que Espinosa tem por um mito (para ele Jesus não é filho de Deus, nem ressuscitou) possa salvar quem quer que seja? Não corresponde essa abordagem a uma subjectivização radical da salvação, privando-a de qualquer densidade?

A nossa comunicação estará articulada em quatro momentos: (1) breve exposição do entendimento espinosano do conceito de salvação na *Ética*; (2) introdução à filosofia da religião de Espinosa; (3) revisão dos pronunciamentos de Espinosa sobre Cristo; (4) apresentação da tese de A. Matheron e sua crítica sucinta.

Jordi Redondo

Universitat de València

Elements of salvation in the Greek myths on the Hyperboreans

Keywords: Hyperboreans, salvation myth, eschatology, Indo-european tradition, external borrowings, innovations.

The Greek historiographical and poetical sources about the Hyperboreans show that their concept and image were constructed from a mythical perspective, in spite of being mainly dealt with by geographers and of course trademen. Yet there are elements that must have been borrowed to the Indo-European heritage, although this does not imply *tout court* that they are properly Indo-European creations. This paper aims at analyzing the eschatological side of the Hyperborean dossier, especially after the Herodotean sources. Besides the hermeneutical operation of decoding the mythical frame in which our sources are embedded, the archaeological materials can provide a tenable counterpart touchstone to check the validity of the suggested reconstruction of such a religious idea.

Juan Manuel Martín Martín

Facultad de Filología, Universidad de Salamanca

Danzig / Gdansk: la reconciliación (im)posible

Keywords: Ciudad palimpsesto, memoria cultural, literatura alemana, II Guerra Mundial, refugiados, Günter Grass.

La ciudad polaca de Gdansk define su identidad a partir de un complejo devenir a lo largo del siglo XX que ha dejado vestigios imperecederos. Su sucesiva pertenencia a dos estados diferentes - Alemania y Polonia - tras el traumático final de la II Guerra Mundial ha determinado las particularidades de esta urbe. En 1992, el Premio Nobel de Literatura Günter Grass indaga en su novela *Unkenrufe (Malos presagios)* sobre las posibilidades de que Gdansk, de la que él mismo había sido expulsado tras la guerra, se convirtiera en un modelo de reconciliación, en el que pudieran confluir diferentes culturas del recuerdo. Esta obra sirve de ejemplo en una Alemania reunificada del renovado interés por el destino de los millones de conciudadanos que tuvieron que huir o fueron deportados tras 1945. Décadas después, la conexión con aquellos territorios perdidos del este sigue presente en una generación que está cercana a desaparecer. En la novela de Grass, y siempre acompañada por una evidente carga irónica, se plantea la posibilidad de que quienes nacieron en lo que había sido territorio alemán puedan ser enterrados en la tierra de sus antepasados, un espacio cuasi mítico con el que llevan soñando desde la expulsión. Los cementerios se presentan así como el primer peldaño de un proceso de entendimiento que se ha mostrado siempre inviable. Sin embargo las huellas que alberga la ciudad, entendida como palimpsesto en el sentido de Walter Benjamin, indican pronto que la utopía que va a fracasar.

Junia Barreto

João Arthur P. Grahl

Universidade de Brasília (Unb), Brasil

Literatura de refúgio nas diversas telas

Palavras – chave: Migração, literatura de refúgio, telas, simulacro, terremoto do Haiti, Guerra na Síria.

Em 2010 e 2011, duas tragédias aconteceram no mundo cujas consequências estão todavia presentes: O terremoto no Haiti e a guerra da Síria. Logo após esses eventos o Brasil recebeu milhares de migrantes principalmete desses dois países. Como empatizar, descobrir, se relacionar, compreender esses migrantes que chegaram ao Brasil e também em diversas partes do mundo é uma pergunta aberta. Essa apresentação busca dar algumas pistas de respostas através do conceitos de Telas, desenvolvido pelo núcleo Telaa da Unb. A experiência desses migrantes vem sendo mostrada em diversas telas diferentes (atualmente animações, bandas desenhadas, jogos eletrônicos e, mais tradicionalmente, em ficções, poemas, teatro, obras de arte, que tratamos também como

telas). Pretendemos então mostrar diversos exemplos de telas cuja temática mostra a experiência da migração. Baudrillard em *La Guerre du Golfe n'a pas eu lieu* (1992) mostra como as telas podem nos afastar da experiência real gerando um simulacro. Esse trabalho quer mostrar que o contrário pode acontecer um certo tipo de *pathos* diferente da lassitude descrita por Baudrillard pode aparecer quando artistas vinculam as experiências e sentimentos do migrante através de suas obras.

Liliane S. dos Anjos

Rogério Modesto

Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Brasil

Quando fugir (não) é a salvação.

A fuga na (des)construção de lugares de esperança

Palavras-chave: Análise de Discurso, fuga, sujeitos, sociedade, imagem, salvação.

Na História do Brasil, a memória da fuga é constantemente atualizada. No passado, a fuga de escravos foi sintomática da constituição de uma sociedade dividida: quilombos e favelas refletem uma disjunção estruturada na/pela sociedade. Contemporaneamente, eventos como a fuga de traficantes armados sob a mira de atiradores de elite, instaurada no processo de Pacificação das favelas, coloca-se como uma estratégia de sujeitos à margem. Em paralelo a isso, outras tensões que se estabelecem não necessariamente por questões de segurança, mas no racismo estrutural da sociedade brasileira e da precariedade na relação patrão-empregado, produzem conflitos materializados em outras fugas. Nosso objetivo é pensar as cenas representativas dessas ocasiões, refletindo, pelo dispositivo da Análise de Discurso materialista, sobre a relação desses sujeitos marginalizados socialmente com o todo, na injunção à fuga diante de situações-limite de segregações, conflitos e preconceitos. Para isso, tomaremos como material de análise duas cenas: uma fortemente retomada pela mídia brasileira a partir da qual podem ser vistos em fuga dezenas de traficantes que reagem à incursão policial na favela de Vila Cruzeiro, Rio de Janeiro; e outra recortada do clipe Boa Esperança do rapper Emicida, na qual empregados se veem obrigados a fugir após se rebelarem contra a exploração de seus patrões. Em nossa análise, o que vemos na imagem reclama sentidos para o que não vemos. Os caminhos seguidos apontam para o lugar de destino presente em virtualidade nas imagens. Então, a fuga realiza-se pela possibilidade de um outro lugar – um não-lugar. O não-visto, potente em sua ausência, direciona para o lugar de esperança e descanso como em um discurso outro. Canaã, Palmares, Complexo de favelas do Alemão.

Luís Carlos S. Branco

Universidade de Aveiro

O Punk Rock em Língua Portuguesa e a Mensagem Salvífica do Protestantismo

Palavras-Chave: Luteranismo, *Punk Rock*, texto bíblico, Flor Caveira, Samuel Úria, redenção.

Após uma aturada investigação de nove anos, o académico e crítico musical Greil Marcus concluiu que o pensamento de feição anarquista e herético que se veio a consubstanciar, na década de 70 do século XX, no movimento *Punk*, na verdade, remonta aos postulados de algumas seitas heréticas medievais. Ora, esta tese, que a uma primeira leitura poderá parecer falha de congruência, é, no entanto, dificilmente rebatida quando Marcus nos põe perante a inegável semelhança sémico-formal entre os textos heréticos medievais e as letras-poemas das bandas seminais do movimento *Punk*.

Assim, no âmbito desta coeva e pertinente linha de investigação que estuda os contornos sacro-religiosos da música *Pop-Rock*, pretendo proceder à análise da obra lírico-musical de alguns músicos de *Punk-Rock* portugueses na sua estreita ligação com o pensamento luterano e a sua mensagem salvífica.

Nascida, em 1999, sob o lema *Punk DIY (Do It Yourself)*, a emblemática editora discográfica FlorCaveira, iniciou, sob o signo do Protestantismo e do *Punk*, uma profícua e crescente renovação sonora e lírica da Música Moderna Portuguesa. Neste contexto, pretendo dilucidar a obra de alguns dos seus mais icónicos artistas, como sejam os casos notórios de Tiago Cavaco (pastor evangélico, escritor, cronista da revista *Ler* e fundador da referida editora) e de Samuel Úria (membro da Igreja Baptista Portuguesa e atualmente um dos nossos mais relevantes escritores de canções), nos seus respetivos liames intertextuais com a palavra bíblica e com o vasto manancial de referências literárias e culturais por eles convocado. Assim, dado serem referidos como primacial *influenza*, alguns elementos das obras de Bob Dylan, Johny Cash e Leonard Cohen serão também devidamente sinalizados nas suas co-relações literárias e religiosas com as obras dos artistas portugueses já referidos.

Luísa Magalhães

Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Católica Portuguesa, Braga

And the World stood still... Seduction and glamour in luxury car advertising

Keywords: advertising, seduction, rhetoric, signs, meaning, symbol

Advertising contents configure a particular trend in seductive endeavours regarding objects that can be understood as adult toys: luxury cars. Luxury cars advertising addresses adult audiences as possible buyers and luxury cars branding uses feminine models as seductive elements and appealing assets in this market segment.

Such models appear in car exhibitions, brand merchandising and also in advertising spots in various media formats. Beautiful women participate as figures in the narratives of advertising spots. They play the part of happy cheerful guests in party contexts or seductive situations and constitute an interesting decoration element for the object of the spot which is the luxurious car itself. These cars are as appealing to adult males as miniature toy cars used to be for young boys.

Non-verbal sign analysis is established in the spot herein according to the “General Theory of Signs”, by American semiotician Charles Peirce (1936), in which signs evolve accordingly to Peirce’s triple concept of Secondness, as far as Image is concerned.

The fastest and most expensive model of Rolls Royce, the WRAITH, stars and seduces its public in a particular type of spot in which the roles played by characters are switched into contextual elements that only serve to highlight the car as being the unique object at stake. Indexical elements of anxiety mingle with detailed iconic elements, only to convey the symbolic representation of luxury under the visual format of comfort, beauty and fashion: the complete seduction in a very clear rhetoric organisation.

Luke Connolly

KU Leuven; Belgium

Cormac McCarthy and The Road to nowhere: where to go when god is dead?

Keywords: *The Road*, Promised Land, dystopia, secular, Nietzsche, Beckett.

Readers of Cormac McCarthy’s 2006 novel *The Road* bear witness to a post-apocalyptic ashen world. It is arguably the keystone text within McCarthy’s literary project, one where his stripped-down minimalist style perfectly complements the barren wasteland the world has become. Readers are not informed of what disaster has befallen the world, but numerous critics have highlighted how it is safely assumed to be of manmade origin – nuclear holocaust or the ecological ends of global warming being prime examples. This assumption, however, constitutes a dramatic inversion of our relationship with the unknown or unexplained. Where once God was the vessel into which mysterious events were placed and compartmentalised, now in a post-Nietzschean and increasingly secular world human agency is burdened with accommodating what was once godly responsibility. This presentation questions how, by envisaging a godless divine retribution, *The Road* seeks to instantiate the transitory journey of lived life, not the distant and eternal projections of heaven and hell, as the ultimate destination of said life. To rephrase: how the promised land exists here and now on earth and human actions have the power to make it into either a heaven or hell. *The Road* is briefly compared and contrasted against a selection of Samuel Beckett’s literary work as a means of reconciling the oddly optimistic conclusion for which *The Road* has been criticized. An ending seemingly out-of-place in an otherwise ravaging and deeply depressing book. Where for Beckett the concept of ending represented source of significant frustration and stasis mired by negativized language, for McCarthy the very fact that a life or a book factually ends means not only that things can get worse, but they also have the potential of getting better.

Manuel Curado

ILCH, Universidade do Minho

Os ajuntamentos de bruxas na demonologia portuguesa

Palavras-chave: Feitiçaria (portuguesa), bruxaria (portuguesa), ocultismo (história cultural do), demonologia (europeia), modernidade, magia.

A presente comunicação propõe-se estudar os ajuntamentos de bruxas tal como são descritos na literatura demonológica portuguesa dos séculos XVII e XVIII. Também conhecidos noutras tradições por conventículos, sabats e “aquelarres” bascos, os ajuntamentos são um dos aspectos mais célebres do imaginário europeu em torno da feitiçaria. Está por estudar o conjunto de textos portugueses que os descrevem, muitos deles ainda manuscritos, como a *Arte de Conhecer e Confessar Feiticeiras*, do Padre Domingos Barroso Pereira (c. 1745). São analisados os traços principais da representação dos ajuntamentos: o voo das bruxas através do céu nocturno, a localização periférica no espaço, o regime de temporalidade, a presença da música e da dança, o banquete, a sociabilidade perfeita ou que suspende as hierarquias sociais normais, os comportamentos invertidos e depravados, etc. Exploram-se algumas linhas de reflexão em torno destas representações: a sua inserção nas cosmologias populares e metafísicas antigas, o acesso e o retorno, a hipótese etnobotânica, a estabilidade ou monotonia estrutural das representações e, sobretudo, o seu significado último. Em especial, compara-se as descrições que são feitas em contexto demonológico com as que chegaram até nós através de outros géneros, nomeadamente a literatura portuguesa (e.g. a figura de Genebra Pereira e o ajuntamento em Vale de Cavalinhos, de Gil Vicente), a literatura confessional (e.g. M. Azpicuelta Navarro) e os relatos visionários de alguns autos da Inquisição (nomeadamente o caso de Maria de Macedo). Defende-se que os ajuntamentos são uma representação recorrente de uma terra perfeita; e que, diferentemente, do discurso utópico, estão associados a modelos cosmológicos preternaturais e sobrenaturais, bem como a técnicas de acesso de transmissão esotérica.

Marcos Lopes

Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Brasil

A salvação pelo Ícone ou as terras prometidas da poesia

Palavras-chave: Dora Ferreira da Silva, poesia.

Que sopro conduz aonde é eterna a
primavera e a morte foi vencida?
Dora Ferreira da Silva

Dora Ferreira da Silva, além de suas traduções pioneiras para a língua portuguesa das obras de Carl Gustav Jung e Rainer Maria Rilke, foi uma das poetisas mais prolíficas na cena literária brasileira da segunda metade do século XX. Sua poesia se nutre dos mitos gregos e de algumas figuras emblemáticas da tradição judaico cristã, o que lhe confere um trânsito poético e certa dicção filosófica que ultrapassam as coordenadas espaço

temporais de sua geração ou até mesmo sua inscrição irredutível em uma corrente estética do século passado. A poesia de Dora dialoga tanto com o que temos de acumulação crítica de uma cultura local, quanto com o que se produziu na tradição cultural do Ocidente. Desse diálogo emergem algumas questões da ordem do mito e da produção simbólica de um tempo futuro. A primeira delas diz respeito a um tratamento poético do ícone, que não se inscreve na clássica expressão horaciana *ut pictura poesis*, mas em uma paciente exposição da palavra à alteridade radical presente na prática artística da imagem religiosa. Essa alteridade radical, o Aberto, segundo expressão e registro poético da própria Dora, poderia ser pensada como uma das terras prometidas, que solicita o concurso da imaginação e da natureza. Caberá a este trabalho refletir sobre a produtiva tensão dialética entre imagem artística e palavra, um dos tópicos fundamentais nas discussões teológicas ou hermenêuticas sobre o estatuto da arte no âmbito litúrgico ou mesmo em uma dimensão escatológica.

María Cecilia Colombani

Facultad de Filosofía, Ciencias de la Educación y Humanidades. Universidad de Morón
Facultad de Humanidades. Universidad Nacional de Mar del Plata, UBACyT, Argentina

De los días áureos a la noche de los tiempos. Una lectura ético-antropológica del Mito de las Razas en Hesíodo

Keywords: Hesíodo, Mito de las Razas.

El proyecto de la presente presentación consiste en articular dos frentes. En primer lugar, relevar la importancia del mito como sistema de pensamiento completo y complejo, en el marco de las producciones culturales que permiten al hombre su instalación en el mundo; en segundo lugar, pensar el tema convocante de este Coloquio desde una perspectiva inversa. No nos situaremos en los relatos que prometen una edad de oro, un tiempo por venir de dicha y felicidad, sino, por el contrario, nos ubicaremos en la pérdida de un tiempo áureo, en el alejamiento de un tiempo pletórico de felicidad y bienestar que se ve opacado por la conducta de los hombres, transidos por la *hýbris*.

De este modo, proponemos el camino inverso de la reflexión sugerida, transitando una perspectiva menos optimista, coincidente con las características del tiempo presente. Así, desandaremos la huella de un modelo de instalación humana que nos conduce a un tiempo perdido, a un tiempo luminoso y diurno, en el marco de la lógica del linaje, que los hombres de la raza de oro representan en el relato hesiódico como un tiempo áureo.

Trataremos el *tópos* mítico desde diversos ángulos de análisis, partiendo de sus propias características discursivas, para recoger luego las marcas antropológicas del mismo, relevando las relaciones entre el hombre y la divinidad que el propio *lógos* sostiene en su arquitectura discursiva.

En ese marco, bucearemos en los rasgos identitarios de los primeros hombres, sobre todo a partir de la familiaridad estructural que guardan con la divinidad, *tópos* áltero que se erige como soporte de la legalidad cósmica y humana, al tiempo que brinda la felicidad y la tranquilidad que los tiempos dorados prometen siempre.

Maria do Carmo Cardoso Mendes

Universidade do Minho

A Terra Prometida “sob céus estranhos”

Palavras-chave: Ilse Losa, exílio, romance português contemporâneo.

A ficção narrativa de Ilse Losa constitui, no panorama da literatura portuguesa contemporânea, um contributo muito relevante para a reflexão sobre o Antissemitismo, o genocídio nazi e o papel de Portugal no acolhimento a refugiados de ascendência judaica durante a II Guerra Mundial. Se os romances *O mundo em que vivi* (1949) e *Rio sem ponte* (1952) ficcionalizam a infância e a juventude da escritora na Alemanha que conhece a ascensão do Nacional-socialismo, *Sob céus estranhos* (1962) retratará a condição de refugiada judia-alemã em Portugal igualmente vivida por Ilse Losa.

A comunicação, centrada no terceiro romance, tem como propósitos principais: 1º) Identificar as imagens que o protagonista, um alemão de ascendência judaica exilado em Portugal, recupera da Alemanha nazi, do Antissemitismo e do Genocídio; 2º) Demonstrar que o exílio representa a busca da Terra Prometida, mas confronta-se com diversas formas de preconceito e com os constrangimentos de uma população dominada pela ditadura salazarista; 3º) Mostrar que, não obstante as limitações sofridas no exílio, Portugal representa a recuperação da esperança, da tolerância e da humanidade ambicionadas por todos aqueles que se recusam a regressar a um país agredido por “fanáticos desumanizados”.

Maria do Céu Zambujo Fialho

Faculdade e Letras da Universidade de Coimbra

Édipo em Colono: uma eterna fonte de vida

Palavras-chave: Édipo, Colono, Atenas, cidade ideal, virtudes cívicas.

Sófocles reservou, para a versão do mito que situa o túmulo de Édipo em Colono, uma peculiar atenção, no fim da sua longa vida em que assistiu à desmoralização, decadência e ruína de Atenas e da Hélade na funesta Guerra do Peloponeso. O poeta, natural de Colono, constrói uma tragédia que constitui, por assim dizer, o seu testamento poético: daquele território sagrado, que há-de ser palco de violência rechaçada de invasores mas também das virtudes éticas e políticas da Atenas primordial, encarnadas no mítico rei Teseu, para com Édipo, o velho proscrito, passará a emanar uma poderosa força de harmonia e paz sobre a cidade, Atenas, se esta regressar aos seus antigos valores, que a tornaram ética e politicamente preponderante. Esta é a dádiva concedida pelos deuses e por Édipo a uma cidade que pode voltar a ser ideal e em cuja natureza circundante o velho cego encontrou, por fim, o remanso de harmonia do final da sua caminhada.

María Gloria González Galván

Universidad de La Laguna, Tenerife

Propuestas de catabasis para la salvación de Alceste en Eurípides

Keywords: Literatura griega, filología griega, estudios de género, mitología.

La tragedia *Alceste* de Eurípides es la historia de un sacrificio para una salvación: la esposa de Admeto accede a morir en lugar de su marido que no se siente preparado para un encuentro con la muerte. Sin embargo, una vez acordado y acaecido esto, dos personajes de la obra se muestran absolutamente dispuestos a bajar al inframundo para rescatar a tan altruista mujer. Sorprendentemente uno es su marido, Admeto; el otro es Heracles.

Esta intención de salvación de una salvadora, que es alabada como la más grande de las mujeres por su entrega absoluta a la condición de esposa que se sacrifica absolutamente, nunca mejor dicho, por su marido, proviene de dos fuentes bien distintas: por un lado la casi obligada correspondencia a una generosidad asombrosa, en el caso de Admeto, y, por otro, el agradecimiento sincero por la hospitalidad recibida en las condiciones más adversas para su anfitrión en el caso de Heracles.

Los motivos de *Alceste* podrían tener relación con la consecución de esta fama de mujer ideal, dentro de los cánones patriarcales de la antigua Grecia, al estilo de Penélope. Una vez convertida ya en mártir, llega su particular salvador, Heracles, que proporciona uno de los raros finales felices dentro de la tragedia griega. Aunque la felicidad final es incierta, si se trata de Admeto.

Maria Hermínia Laurel

DLC, Universidade de Aveiro

Entre viagem e permanência: percursos salvíficos na obra de duas escritoras suíças contemporâneas, Monique Saint-Hélier e Annemarie Schwarzenbach

Palavras-chave: Monique Saint-Hélier, Annemarie Schwarzenbach.

Pretendem-se estudar nesta comunicação alguns percursos viáticos, mas também biográficos, de algumas escritoras suíças contemporâneas, percursos convergentes em torno de um objectivo comum: a salvação. Independentemente da ausência de mobilidade ou da mobilidade que marcou a sua vida, um objectivo transpõe as suas obras. Se para Monique Saint-Hélier, condenada à imobilidade, a escrita se revela como uma razão de viver, mas também o palco dos conflitos não resolvidos que dilaceram as suas personagens na procura de uma salvação impossível, é na viagem e num estado de mobilidade permanente que Annemarie Schwarzenbach tenta encontrar a *terra prometida* (para parafrasear o título sob o qual publica o relato da sua viagem ao Afeganistão, entre 1939 e 1940, na companhia da fotógrafa e também grande viajante Ella Maillart, *Où est la terre des promesses?*). Escritoras que nada aproxima, apesar da sua nacionalidade e da sua contemporaneidade, nem em termos biográficos, que percorreremos brevemente, nem

nos modos de escrita, sobre os quais nos debruçaremos com maior atenção, a procura da salvação transparece da sua obra num tempo particularmente grave da história europeia, e mundial, marcado pelos sinais do conflito eminente que, em parte, determinará as suas vidas.

Maria José Ferreira Lopes

CEFH / FFCs, Centro Regional de Braga, Universidade Católica Portuguesa

Entre a salvação colectiva e a salvação individual: alguns vestígios literários romanos dos mitos das Matres Idaea e Aegyptia

Palavras-chave: Cultos místéricos, Osíris/Ísis, Cibele, helenismo, salvação, conversão, Roma, literatura latina.

A antiga Roma acolheu com relativa tolerância a generalidade dos deuses dos seus súbditos derrotados (Orlin 2010). Havia, de facto, limites: formatados por uma religião do estado, com rituais tão vetustos quanto estranhos, os romanos mostraram sempre receio por cultos orgiásticos que, além do descontrolo individual, potenciavam um oportunismo criminoso de efeitos colectivos: “ad summam rem publicam spectat” (Lívio, 39.16, sobre o escândalo das Bacanais de 186 a.C.). No entanto, em momentos de extremo perigo para a sobrevivência da *Res Publica*, e perante a impotência do panteão tradicional, verificou-se a introdução de deuses exóticos: assim, na Segunda Guerra Púnica, acolhem a *Mater Idaea*, incorporada no mito fundacional da *Vrbs*, mas acompanhada de séquito e rituais causadores de perplexidade e desconforto (Beard 1996). A conquista do mundo helenístico propiciou o contacto com outros cultos místéricos, sobressaindo o que assenta no multifário mito egípcio de Osíris/Ísis, já adoptado e enriquecido pela cultura grega. Antes ainda das complexas reflexões de Plutarco (*De Iside et Osiride*) e da proclamação fervorosa de Apuleio (*Metamorphoses*), várias referências poéticas dos finais da República e inícios do Império sugerem a força da implantação deste culto, apesar do esforço de Augusto no sentido da restauração dos deuses tradicionais. Subjacente à *nimia pietas* dos iniciados, elogiada por Tertuliano (*Ad Vxorem*, 1.6), parece estar o equivalente a uma conversão, motivada pela ânsia de salvação individual (Bøgh 2015).

Problematisando a ideia de salvação ligada a estes dois mitos, esta comunicação pretende analisar a forma como ela foi expressa nas fontes mais emblemáticas, de Catulo a Ovídio e Juvenal, passando por Tito Lívio.

María Teresa Santa María Fernández

Universidad Internacional de La Rioja

El ciclo troyano en el teatro del exilio español

Palabras clave: Ciclo troyano- Teatro español – Exilio – *Nostoi*- Literatura comparada

Las posibilidades que el ciclo troyano ofrece para tratar sobre el escenario las circunstancias históricas de una guerra y el posterior exilio forzoso de los vencidos no resultan algo novedoso en muchas literaturas europeas. Sin embargo, en España esta temática trágica adquiere un nuevo sentido y fuerza dramática con motivo de la guerra civil (1936-1939) y el destierro posterior de gran parte de los intelectuales y escritores que conformaron la Edad de Plata de la literatura española. Algunos de sus dramaturgos debieron proseguir su labor en otros países y, en determinadas ocasiones, en otras lenguas y culturas. Pero en varias de sus obras retoman a los protagonistas del ciclo troyano – tanto en su versión épica como trágica – para repensar o actualizar esos mitos y temas que les arraigan con la cultura europea que dejaron atrás. Entre los diferentes tratamientos de esa temática clásica encontraremos desde mera una mera banalización del mito en *La odisea* de José Ricardo Morales a la actualización en otras coordenadas espacio temporales que nos ofrecen las piezas *Cassandra o la llave sin puerta* de M^a Luisa Algarra y *La hija de Dios* de José Bergamín. En otras obras, los autores se fijan en una anécdota o episodio determinado y lo desarrollan de una manera más o menos fiel al original griego, como sucede en *Héctor y Aquiles* de José Ramón Enríquez, *Odiseo* de Agustí Bartra y *Circe y los cerdos* de Carlota O'Neill. Y, como podemos comprobar, encontramos las dos partes del conflicto armado, tanto la troyana como la griega, e incluso las consecuencias que esa larga ausencia provoca en las familias de los guerreros griegos en el caso de *Orestes parte* de José Ramón Enríquez, dramaturgo arraigado en México y considerado como autor de la “segunda generación” del exilio.

Martim Aires Horta

Centro de História da Universidade de Lisboa

Meras e Salvação: divindades de excepções exemplares

Palavras chave: Meras, destino, salvação, mitologia grega, religião grega, mito e rito.

As Meras (*Moirai*) – Átropo, Cloto e Láquesis –, uma tríade associada pela tradição aos destinos e à sua correcta realização, não costumam constar entre as divindades regularmente associadas a dimensões soteriológicas no panorama da Religião Grega. Contudo, a possibilidade de uma excepção, de uma abertura e escape, é um tópico que encontramos recorrente ao longo das narrativas mitológicas documentadas que envolvem estas figuras. Para mais, este aspecto das Meras aparenta uma ligação estreita com o que as fontes nos informam dos seus cultos e ritos, por um lado enquanto necessidade estrutural das práticas, por outro reflectindo, como no mito, a procura de uma excepção exemplar (ou de uma salvação excepcional). Na nossa comunicação iremos

abordar os mitos que operam esta modalidade sotérica, a sua proximidade com as práticas rituais testemunhadas, e procuraremos explorar as consequências da análise para o nosso entendimento do que os gregos poderiam entender por “Destino”, tradicionalmente associado às deusas pela tradição e pela historiografia da Religião Grega.

Olga Maria Castrillon-Mendes

UNEMAT/Cáceres, Brasil

O mito da terra prometida em Madona dos Páramos

Palavras-chave: Narrativa mítica, estereótipos, Ricardo Guilherme Dicke, Mato Grosso.

Nesta comunicação levanto algumas questões sobre o tema do mito da terra prometida, no romance *Madona dos Páramos* (1982), do escritor brasileiro Ricardo Guilherme Dicke (1936-2008). Nesse sentido, busco compreender a viagem interior das personagens em busca da Figueira-Mãe, supostamente localizada na lendária Serra dos Martírios. O retorno ao paraíso, como pensado por Mircea Eliade (1992), é uma necessidade humana que une as personagens ao espaço do sertão, gerando o contexto desestabilizador em que os destinos e as frustrações, a busca pela sobrevivência e os conflitos internos são revelados em situações limites, fazendo aflorar sentimentos ambíguos e inadequação ao mundo, próprios do contemporâneo. O universo labiríntico da narrativa é a representação desse mundo metafórico em que o leitor se torna cúmplice. Um mundo, conforme Northrop Frye (2013), em que tudo está inteiramente dentro de um único corpo infinito que, no caso em análise, se configura na forma como o espaço é representado; não mais o pictórico, mas a força performativa da linguagem, muitas vezes comprometida com a construção dos estereótipos pelos quais Mato Grosso é, ainda, reconhecido.

Paula Almeida Mendes

CITCEM, Universidade do Porto

Paraísos “alternativos” na literatura de espiritualidade e na prosa de ficção em Portugal (séculos XVI-XVII)

Palavras-chave: Paraíso, bosque, ermo, literatura, séculos XVI-XVII, Portugal.

A nostalgia de um Paraíso perdido, associada à busca de uma Idade do Ouro, com origens na Antiguidade clássica, reflecte-se em diversos textos, que se inscrevem em filões que vão da hagiografia à prosa de ficção, produzidos em Portugal, nos séculos XVI e XVII. Deste modo, tendo como pano de fundo a problemática em torno de um Paraíso «alternativo» na Terra e da salvação eterna, esta proposta de comunicação procura chamar a atenção para os moldes em que se desenvolvem as dimensões apontadas, sobretudo na literatura de espiritualidade – de que são exemplo as «Vidas» de eremitas, no domínio da hagiografia, ou alguns textos que se inscrevem na literatura de pendor ascético, como o

Boosco Deleitoso –, que não poderão ser dissociados de uma pauta que se escora em um ideal de perfeição cristã, que asseguraria a salvação eterna, e também na prosa de ficção – como, por exemplo, os «livros de pastores», cuja diegese se desenvolve sempre em um ambiente idílico, longe dos vícios e dos bulícios do «século».

Paulo Jorge Teixeira Cavaco

Rosa Maria Sequeira

CEMRI / Universidade Aberta

*Migrantes económicos em busca da terra prometida:
salvação ou perdição?*

Palavras-chave: Literatura Portuguesa, migrações, romance, Ferreira de Castro, José Luís Peixoto.

Na ficção portuguesa dos séculos XX e XXI abundam as personagens migrantes que, forçadas pela miséria, trocam o país natal, que não lhes assegura o futuro, por países desconhecidos, onde imaginam que todos os sonhos se concretizarão, idealizando-os como a sua terra prometida.

Partindo da análise de obras literárias como *Emigrantes* (1928) de Ferreira de Castro e *Livro* (2010) de José Luís Peixoto, refletir-se-á em que medida a migração se revela a salvação do migrante ou, pelo contrário, é a sua perdição. A deslocação entre o país de origem e o de acolhimento constitui um desafio para a personagem, implicando um complexo processo de ganhos, perdas e transformações, que ela nem sempre sabe ou consegue gerir.

Pedro Basalo Bembibre

Universidad de Salamanca

*Tierras de promisión y tierras de condenación:
itinerarios veterotestamentarios de Tiempo de silencio*

Keywords: Tiempo de silencio, Luis Martín-Santos, novela de posguerra, Biblia, mito, interpretación figural

Tiempo de silencio de Luis Martín-Santos supuso en el momento de su publicación no solo una importante renovación de la novelística española, sino también una nueva manera de manifestar una oposición inteligente ante la censura siempre vigilante mediante la reescritura y la parodia de un discurso político que empleaba imágenes y símbolos de cosmovisión del nacionalcatholicismo y la Falange para transmitir la ideología del régimen franquista.

El presente trabajo persigue señalar la presencia de ciertos esquemas argumentales o arquetipos bíblicos en el texto, en especial, aquellos pertenecientes al Antiguo Testamento. El objetivo último de este estudio es averiguar qué potencialidades ofrece la materia bíblica en tanto que contestación a la mitología franquista oficial. Para ello se

recurrirá al análisis de diferentes espacios en función de una serie de personajes, ya que cada posición social, proyecto existencial o punto de vista dota a los lugares de significados distintos (lo que entronca con la visión dialéctica y multiperspectivística que propugna la obra). Asimismo, señalaré concomitancias con otros pasajes de la Biblia, de manera semejante al esquema de construcción literaria que Auerbach denominaba interpretación figural.

Ramón Soneira Martínez

Instituto de Ciencias de las Religiones de la Universidad Complutense de Madrid (UCM)

La increencia en el relato antropogónico de la Grecia del s. V a.C.

Keywords: Grecia, sofistas, ateísmo, increencia, religión griega, antropogonía.

En este trabajo se trata de analizar la evolución del discurso en torno al origen del ser humano en la cultura y la religión de la Antigua Grecia. Iniciaremos el análisis de dicha evolución con los textos de la épica griega, sobre todo de Hesíodo con la llamada “Edad de Oro”, así como con los mitos que contemplan la temática del origen del ser humano, como los mitos relacionados con Prometeo, para finalmente contrastarlos con los relatos antropogónicos del siglo V a.C. En estos relatos de la Grecia clásica se pueden ver posiciones de increencia a los discursos antropogónicos que se habían desarrollado en etapas anteriores. Así, autores como Pródico, Demócrito o Critias entre otros, desarrollan unas visiones antropogónicas diferentes a esa mitología tradicional que se inserta en la llamada “teología de los poetas” como afirma el autor W. Burkert. Se producen nuevos discursos teológicos en torno al origen del ser humano diferentes a esa “teología de los poetas” de la épica griega que, bajo el marco teórico con el que analizamos dichos relatos, podemos calificar como ateos. El objetivo principal es esclarecer un nuevo marco teórico sobre el ateísmo, entendido como fenómeno histórico relativo a su cronotopo, tomando como objeto de estudio el concepto de increencia para estudiar estas nuevas posiciones religiosas que surgen en el siglo V a.C. en oposición a una teología tradicional representada por autores arcaicos como la de Homero o Hesíodo. El fin último no es solo observar el cambio de relato religioso, sino de entender dicho cambio como una manifestación del fenómeno de la increencia y del pensamiento ateo que se desarrolla en la Grecia Antigua.

Reila Márcia Borges Rodrigues

Aginaldo Rodrigues da Silva

Universidade do Estado de Mato Grosso, Brasil

*A Terra Prometida como metáfora da salvação em
Auto da Compadecida, de Ariano Suassuna*

Palavras-chave: *Auto da Compadecida*, Ariano Suassuna, teatro, Terra, Céu, Inferno.

A peça teatral *Auto da Compadecida* (1955) escrita pelo dramaturgo paraibano Ariano Suassuna traça o perfil dos sertanejos nordestinos que estão submetidos à opressão causada por poderosos coronéis, que possuem terras e almas por vastas áreas do Brasil. Dentro desse contexto, João Grilo é o personagem que representa os pobres oprimidos, é o homem do povo que tenta viver no sertão de forma imaginosa, utilizando a única arma que possui para sobreviver: a astúcia. A peça retoma, inicialmente, a tradição das peças da Alta Idade Média, geralmente designadas como *Os Milagres de nossa Senhora* (do séc. XIV), em que, numa história às vezes profana, o herói em dificuldades apela para nossa senhora, que comparece e o salva, tanto no plano espiritual como temporal. Décio de Almeida Prado (1996, p. 08) afirma que há dois fatos centrais de natureza religiosa que se impõem ao homem no teatro de Suassuna: a morte e a existência de Deus. Ocorre, portanto, que, se a morte retira todo o sentido da vida, a existência de Deus a recupera, e restitui ao universo a racionalidade e a significação moral perdidas. Nesse aspecto, o presente artigo provoca a reflexão de que o céu, na peça, é a terra prometida, de acordo com a concepção dos hebreus e traz, portanto, o principal dogma da igreja: fazer o bem para ir para o céu, e ao mesmo tempo, o medo de retornar à terra, terra de transição, o purgatório. Dentro desse contexto, é possível questionar: o que significaria essa volta para a terra? Retorno ao inferno? Essa quase superstição das histórias folclóricas no texto de Suassuna atinge o rigor da religiosidade profunda, que pode espantar aos cultores de um catolicismo acomodatório, mas responde às exigências daqueles que se conduzem por uma fé verdadeira.

Rosa Lúcia Coimbra

DLC/CLLC, Universidade de Aveiro

*Promessas implícitas:
as assinaturas de marca no discurso publicitário*

Palavras-chave: assinatura de marca, texto publicitário, análise do discurso.

O discurso publicitário é frequentemente apresentado como um discurso de sedução. Os gêneros textuais publicitários destacam-se na vida quotidiana dos falantes, não só pela sua presença constante e incontornável nos meios de comunicação de massas (rádio, televisão, jornais, revistas...), como em todos os recantos da urbe (letrados, toldos, outdoors, anúncios luminosos...), ou impresso em objetos vulgares (camisolas, bonés, lápis e canetas, canecas, porta-chaves...). Tal profusão de enunciados publicitários tem levado a um crescente “erguer a voz” para captar a atenção do público-alvo, o que se reflete em textos cada vez mais criativos, plenos de retórica linguística, visual e sonora.

Partindo de um corpus real de 120 assinaturas de marca recolhidas em anúncios televisivos em Portugal, a presente pesquisa procura analisar a sua extensão, configuração sintática, densidade de figuras de retórica e as pessoas do discurso. Subjacente às estratégias linguísticas adotadas na construção do slogan da marca, está uma linguagem de sedução, de insinuação na memória do recetor e da sua identificação com os valores da marca. Em última análise, estas assinaturas trazem implícitas promessas de mundos melhores, ideais e desejados, as terras prometidas do mundo do consumo.

Silvia Neri

Université Paris 8 (France) / Université de Padoue (Italie)

Les mythes dans l'oeuvre de Matthew Barney

Mots-clés: Matthew Barney, Mythes.

*La mythologie du vin peut nous faire d'ailleurs comprendre
L'ambiguïté habituelle de notre vie quotidienne.*

R. Barthes, *Mythologies*, 1957

Matthew Barney (San Francisco, 1967), artiste américain polyvalent et talentueux, est connu pour ses oeuvres vidéo dominées par des scénarios très complexes où l'artiste récrée, réinterprète, réinvente des mythes transfigurés par une esthétique baroque.

Dans cette intervention, j'analyse comment la mythologie est pour Barney une source d'inspiration artistique et comment l'artiste utilise les mythes comme métaphore de notre époque. « Le mythe – comme l'écrit Roland Barthes – est un système idéographique pur, où les formes sont encore motivées par le concept qu'elles représentent, sans cependant, et de loin, en recouvrir la totalité représentative ». ¹

¹ R. Barthes, *Mythologies*, op. cit. p. 12. Le mythe est en effet un récit fondateur qui a été préservé à travers les générations, qui se démarque par son élaboration poétique ou par une mise en scène rituelle, qui est composé de situations, d'êtres, d'événements en dehors des règles réelles et de l'expérience quotidienne de la société en question.

La motivation qui pousse l'artiste à chercher des références liées à la mythologie est une connexion au très large répertoire des images et symboles que la mythologie charrie.

Dans l'Antiquité, la mythologie était une clef de lecture parmi tant d'autres, offrant à l'interprétation un large panel de situations. Les significations des mythes font partie de la conscience universelle du monde. Les mythologies contemporaines réalisées par Barney commencent en 1993 et, dans les années suivantes, les mythologies deviennent de plus en plus réelles. Barney crée une mythologie contemporaine particulière car les personnages du mythe entrent dans la réalité actuelle. Dans le répertoire mythique de Matthew Barney, il y a des thématiques récurrentes : le rapport entre la vie et la mort, le corps comme objet de lutte et la mise en question de l'*hybris*, sentiment violent inspiré des passions, surtout de l'orgueil. Je vais analyser trois exemples, trois mythes provenant des différentes oeuvres de l'artiste.

Le premier est le mythe de Maryas, contenu dans le film *Drawing Restraint 7* (1993) : dans ce mythe grec, le satyre défie un dieu dans un concours de musique, il est puni pour son orgueil, pour son *hybris* et sera écorché vif.

Le deuxième est le mythe de Fionn Mac Cumhaill dans le film *Cremaster 3* (2002) qui raconte qu'un guerrier légendaire de la mythologie celtique irlandaise a construit la Chaussée des Géants comme un escalier de pierre conduisant en Écosse.

Le troisième et dernier mythe analysé est le mythe d'Osiris dans *River of Fundament* (2014). Dans cette version de Barney une voiture Chrysler devient le corps d'Osiris.

Avec cette pluralité culturelle, géographique et temporelle, l'artiste nous montre comment ces mythes ont imprégné son processus de création : Barney, enrichi par les récits, les enseignements, et les personnages métaphoriques de ces mythes, construit des oeuvres qui mélangent passé et présent, histoire contemporaine et ancienne.

Sofia Oliveira Dias

Universidade de Salamanca

Estudo da alternância linguística na tradução portuguesa da obra É Assim que a Perdes de Junot Díaz (2013)

Palavras-chave: Junot Díaz, tradução, alternância linguística, code-switching, hospitalidade.

Junot Díaz nasceu na República Dominicana e emigrou para os Estados Unidos, onde é escritor e professor no Instituto Tecnológico de Massachusetts. Em 2008, ganhou o Prémio Pulitzer com a sua primeira novela e, em 2013, a sua obra *This is How You Lose Her* conhece a sua tradução portuguesa.

Nesta obra, *É Assim que a Perdes*, apresenta um conjunto de narrativas sobre a vida dos habitantes de New Jersey oriundos da República Dominicana. Neste novo espaço físico, os novos habitantes vivem entre a hospitalidade e a hostilidade (Manzanas Calvo e Benito Sánchez, 2017) por parte do seu anfitrião. Nesse desejo de integração na nova realidade e no novo país, os recém-chegados tentam modificar comportamentos culturais e camuflar os traços que denotam a sua procedência, tais como a aprendizagem da nova língua, o inglês. Neste sentido, essa integração passará por uma luta constante entre dois mundos, duas realidades e duas línguas.

Nesta comunicação, é nosso objetivo apresentar uma reflexão sobre a alternância linguística presente na tradução portuguesa da obra *É Assim que a Perdes* de Junot Díaz (2013). Nesse sentido, propomos analisar e interpretar fenómenos presentes no contacto entre línguas, tais como o *code-switching*.

Thiago Leonello Andreuzzi

Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Brasil

Frankenstein – A construção de um mito moderno bem sucedido

Palavras-chave: Frankenstein, mito, criação, revolta, *wilderness*, esteriótipos.

O presente estudo busca compreender a categorização de *Frankenstein* como um mito através dos postulados de Jean-Jacques Lacercle (*Frankenstein: mito e filosofia*) e de Joseph Campbell (*O Poder do Mito*).

O monstro de Frankenstein, criatura sozinha no mundo, ora se identifica como o Adão –posta no mundo para o sofrimento –, ora com o Satã de Milton – embora mais

miserável que este justamente por não ter companheiros (*Frankenstein*, Cp. XII). Por ser única no mundo, se constitui como uma falha na mitologia da criação (Lacerle), contudo se forma como figura prometeica, ao ir buscar na fonte de seu criador, a igualdade de sua raça para com a dele: desafia Victor e exige que lhe construa uma esposa. Além, promete: após ter sua esposa, fugirá para sua terra prometida, que aparece aqui transfigurada na forma da *wilderness* sulamericana: não é uma terra dócil, mas extremamente agressiva, que precisa ser domada – o que não seria um problema para o monstro, uma vez que é um ser muito mais potente que o ser humano.

Enfim, enquanto Victor também encarna Prometeu ao buscar o “fogo” (a centelha à qual faz referência no capítulo V), também encarna a figura do criador, pois cria vida a partir do nada, acabando assim corrompendo o mito da Mãe-Terra – e a própria natureza –, arquétipo referido na cultura greco-latina como Gaia: não há um céu (Urano) pai e uma terra (Gaia) que dá à luz os seres cósmicos. É, portanto, se um mito de criação, um mito paternalista de rejeição da cria que exclui a figura materna de toda a cosmologia moderna, pois a obra é profundamente ateia, por mais que a criação de Victor ainda esteja envolta em mistérios, sem dúvida é fruto do conhecimento científico e alquímico nutrido pela figura do cientista natural.

Tiago Cerejeira Fontes

DF, Universidade do Minho

A controvérsia sobre a visão beatífica no seio do pontificado de João XXII

Palavras-chave: Visão beatífica, Papa João XXII, Tomás Walleys, Geraldo Odonis, declaração de Vincennes, teólogos medievais.

Entre 1331/1332, o papa João XXII compôs e pregou um conjunto de sermões em que desenvolveu, concedeu e apresentou as suas concepções e ‘opiniões’ acerca da complexa e importantíssima doutrina da visão beatífica (Dito de uma forma absolutamente simplista, a especulação acerca da possibilidade da visão de Deus ‘face a face’, particularmente a reflexão e a especulação acerca das concepções voluntaristas ou intelectuais da visão beatífica). Nos meses que se seguiram começaram a surgir e a se desenvolverem reacções favoráveis e críticas às posições defendidas pelo papa avinhoense. Em Janeiro de 1333, o dominicano Tomás Walleys, atacou e criticou violentamente as concepções papais, apontando que tais posições estão claramente marcadas e imbuídas de posições de cariz herético. Em finais de 1333, Geraldo Odonis e Arnaldo de Saint – Michel perante o rei francês, Filipe IV, procuraram defender as posições papais cerca da questão da visão beatífica, em particular, a concepção de que a visão beatífica não ocorre senão depois do juízo final. Em Janeiro de 1334, em Vincennes, um amplo conjunto de mestres da faculdade de teologia condenaram solenemente as posições defendidas pelo papa João XXII acerca da questão da visão beatífica.

Pretende-se nesta comunicação desenvolver uma apresentação de toda esta controvérsia relacionada com a questão da doutrina beatífica, procurando conceder particular atenção às concepções e opiniões defendidas pelo pontífice avinhoense (João XXII), relevando o que nelas se revelou, para os mestres parisienses, particularmente problemático, controverso e merecedor de ‘condenação’. Pretende-se igual perceber o modo como os teólogos papalistas defenderam as posições e ‘opiniões’ de João XXII.

Conjuntamente com isto importa perceber o impacto desta controvérsia na posterior reflexão e especulação acerca desta problemática e no processo conducente á sua clarificação e definição doutrinal.



mesa-redonda

MUJERES EN BUSCA DE LA SALVACIÓN

El proyecto que llevamos a cabo, titulado «Arquetipos femeninos en los tratados medievales franceses para la educación de las mujeres» (FFI2016-76165), se desarrolla en el ámbito del Instituto de Estudios Medievales y Renacentistas de la Universidad de La Laguna (IEMYR) y tiene por objeto el estudio de aquellos paradigmas de comportamiento femenino que se repiten en distintas obras medievales, escritas en francés y destinadas a la instrucción de las mujeres, con el fin de servirles de modelos de conducta. Estos arquetipos, tomados tanto de la antigüedad clásica (Medea, Circe, Tisbe, Lucrecia, Dido, etc.) como de la Biblia (Susana, Sara, Rebeca, Betsabé, Ester, Judith, etc.), forman parte de una tradición anterior que ha ido dándoles forma hasta constituirse en modelos de conducta femeninos en la Edad Media. Por ello nos interesa también el estudio de la evolución y de la función que se les atribuye a estos modelos femeninos, atendiendo a las fuentes latinas de las que beben los tratados medievales franceses.

Nuestro corpus medieval estará compuesto de las obras siguientes, si bien nos permitiremos igualmente consultar otras obras que hagan referencia a nuestros tres estereotipos, aunque no tengan la naturaleza didáctica que caracterizan a estas tres:

- *Le Livre du Chevalier de la Tour Landry pour l'enseignement de ses filles*, compuesto por el caballero de la Tour Landry para uso de sus hijas (1371-72).
- *Le Ménagier de Paris*, escrito por un autor anónimo para instrucción doméstica y moral de su esposa (1391-92).
- *Le Livre de la Cité des dames*, escrito en 1405, donde la autora, Christine de Pizan, elabora una detallada y completa galería de las mujeres ilustres y ejemplares de todos los tiempos.

Proponemos para este congreso tres modelos de mujeres bíblicas -Ester, Sara y Rebeca- referentes en la Edad Media de esposas obedientes y sometidas a la potestad de sus maridos que hicieron de ellas sus instrumentos para el logro de la gran empresa que llevaban a cabo, la salvación del pueblo judío. Cada una de ellas será objeto de una comunicación:

1ª comunicación:

Mujeres en busca de la salvación: Ester

Dulce Mª González Doreste (catedrática de Filología Francesa) y
Francisca del Mar Plaza Picón (catedrática de Filología Latina)

Ester, una joven judía colocada en un tiempo de gran incertidumbre, cuando el pueblo judío se disgregó en provincias paganas y regresaban del exilio, es la última mujer de la cual se habla en el Antiguo Testamento. Ester, primero sometida a la obediencia de su primo Mardoqueo, y luego a la de su marido, el rey Asuero, arriesgó su vida para proteger al pueblo judío. En *La cité des dames*, su autora, Christine de Pizan, la cita como mujer valerosa escogida por Dios para liberar a su pueblo. Para el anónimo autor de *Le ménagier de Paris*, Ester es el modelo de la esposa prudente y juiciosa que proporciona sabios consejos a su marido; mientras que el caballero de La Tour Landry hace de ella la mujer temerosa de su marido que intenta siempre no provocar su ira con su comportamiento dulce y humilde. Estudiaremos la función que cumple en estos tres textos, partiendo del análisis de esta figura bíblica desde su origen hasta convertirse en un ejemplo de virtud arraigado en la sociedad medieval.

2ª comunicación:

Mujeres en busca de la salvación: Sara

Mª del Pilar Mendoza Ramos (profesora titular de Filología Francesa) y

Mª del Pilar Lojendio Quintero (profesora contratada doctora de Filología Latina)

Sara es conocida como mujer y madre. Mujer del patriarca Abraham y madre de Isaac, otro patriarca del pueblo de Israel. Su marido la arrastró a una vida nómada, junto con otros familiares, a la búsqueda de la tierra prometida. Tal fue el grado de su sometimiento, que cuando Abraham la entrega al Faraón para librarse de su castigo diciendo que era su hermana, Sara obedece ciegamente. Los tres autores, cuyos textos forman parte de nuestro corpus, le dan un tratamiento distinto, pero siempre como un ejemplo de humildad y de paciencia, virtudes por las que Dios salvó su alma, según el caballero de La Tour Landry ; o de bondad, santidad y castidad, para el «ménagier» y para Christine de Pizan. Analizaremos igualmente la función que cumple en estos tres textos, así como la evolución desde sus orígenes hasta convertirse en un ejemplo de virtud arraigado en la sociedad medieval.

3ª comunicación:

Mujeres en busca de la salvación: Rebeca

Miguel Ángel Rábade Navarro (profesor titular de Filología Latina) y

Cristina Badía Cubas (profesora colaboradora de Filología Francesa)

La relevancia de Rebeca también viene dada por su papel de esposa y madre, de Isaac y de Esaú y Jacob, respectivamente. Su función bíblica consistió, pues, en sostener a su marido, obedecerle y darle hijos para que continuara su misión de salvador del pueblo judío. Para Christine de Pizan su principal virtud, al igual que para La Tour Landry, es la humildad, hasta el punto de parecer ante su marido más una criada que la señora. Este último y el anónimo autor de *Le mesnagier de Paris* intentan justificar, con argumentos controvertidos, la preferencia de Rebeca por uno de sus dos hijos. Analizaremos igualmente la función que cumple este personaje femenino en estos tres textos, así como la evolución que siguió este estereotipo desde sus orígenes hasta convertirse en un ejemplo de virtud arraigado en la sociedad medieval.



apoios

FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA

universidade de aveiro  **cllc** centro de línguas, literaturas e culturas

universidade de aveiro  **dlc** departamento de línguas e culturas



universidade de aveiro
theoria poiesis praxis